



IMAGINÁRIO NA BORDA PARAENSE:
Biblioteca e o Seringal

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dd111i da Rosa Siviero, Sophia
 imaginário na borda paraense: biblioteca e o
 seringal / Sophia da Rosa Siviero. -- São Carlos,
 2021.
 125 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2021.

1. arquitetura e urbanismo. 2. amazônia. 3.
biblioteca municipal. 4. parque urbano. 5. pará. I.
Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:
Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



Atribuição Não Comercial-Compartilhável-CC BY-NC-SA

Trabalho de Graduação Integrado apresentado
ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo, IAU USP - São Carlos
Dezembro, 2021

IMAGINÁRIO NA BORDA PARAENSE: Biblioteca e o Seringal

Sophia da Rosa Siviero
Orientador: Profº Marcelo Suzuki

Comissão de Acompanhamento Permanente:
Prof.ª Dr.ª Aline Coelho Sanches
Prof.ª Dr.ª Amanda Saba Ruggiero (Orientadora)
Prof. Dr. Joubert José Lancha
Prof.ª Dr.ª Kelen Almeida Dornelles

RESUMO

Este trabalho propõe a criação de uma área de conservação das Seringueiras em Dom Eliseu Pará, na qual foi projetada uma biblioteca, buscando assistir a população em educação, lazer e cultura. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa histórica da formação do estado, da abertura da floresta amazônica por meios das rodovias até o surgimento da cidade, como entroncamento rodoviário à serviço do extrativismo vegetal. Após isso, houveram entrevistas, percursos fotográficos, mapeamento para criar uma percepção introspectiva do lugar. Com isso, a carência de espaços culturais e educacionais, com a população majoritariamente de baixa renda, instigou o projeto de uma biblioteca no Seringal, que promovesse o acesso à informação, e a promoção de atividades que abraçassem a experiência do bosque, de uma leitura em meio a natureza; enxergando num resquício de seringueiras, um parque ecológico para promover a emancipação social, com educação e cultura, associado a um espaço histórico para a região.

Palavras-chave: Arquitetura e urbanismo. Amazônia. Biblioteca municipal. Parque urbano. Pará

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 11

INTRODUÇÃO 12

CONTEXTO HISTÓRICO 15

O Norte	16
A Seringueira e a interiorização	19
A criação da BR-010	21
O Zero	25

ANÁLISE DO LUGAR 31

Processo de trabalho	33
Equipamentos públicos da cidade	35
Uso do solo e influências na área de intervençãp	41

Seringal 42

Mapa fotográfico do seringal	44
Análise do seringal	46
Sazonalidade do seringal	48
Intenções e processo projetual	51
Materialidade e local	57
Referencias arquitetônicas	59

PROJETO 61

Diretrizes gerais	62
Programa	64

Biblioteca 66

Implantação	68
Plantas	70
Cortes	75
Elevações	84
Perspectivas	96

Casinha De Leitura 102

Planta	105
Cortes	107

Caminhos 108

PROCESSO DE DESENHO	110
REFERÊNCIAS	125

*01:34 da madrugada, beira de estrada, carro com problema,
menina e o pai, deserto de pessoas.
“Eu sempre quis deitar na estrada”
“Deite”*

*Abaixo de mim, a terra. Acima, as estrelas. Em mim, o mundo.
Por anos, não vi e nem tive a oportunidade de ver tantas
estrelas, tão bonitas. Sempre que via na internet imagens de
céus estrelados no extremo do mundo achava que era menti-
ra, reles montagem do homem. Eu tinha me esquecido. Es-
queci das gloriosas noites que passei num colchão no quintal
de casa, casa da minha terra, mergulhada em estrelas. Vivo
há tanto tempo em cidades estreladas pelas janelas dos
apartamentos, que cheguei a esquecer que é possível tama-
nha beleza vinda do céu.
Eu gosto da minha terra, não só das estrelas. Sou dessa terra
amarela, vermelha de piçarra.
Em outras terras, me perguntam de onde sou, por onde andei.
Aqui, apenas me falam: eu lembro de você, por onde andas?
Assim que seguimos viagem, o primeiro vento que soprou
dentro do carro era feito de poeira. Cheirava a poeira, que
pinta as casas de laranja e o chão de vermelho.
É muita poeira na minha terra e, por ironia ou sorte, é só aqui
que meu espírito esvazia-se dela.
Por causa da minha terra, hoje sou poeira de estrela.*

*Autoria própria
2015*

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível através de uma rede de suporte de amigos, professores, colegas e pessoas dispostas a ajudar.

Quero agradecer primeiramente aos amigos: Carolina Horiquini, que sempre esteve comigo, discutindo ideias e conceitos, e aprovando mudanças no meu projeto. Joseph Corrales, que segurou minha mão nos últimos momentos, além de estar presente sempre. Julia Simabukuro, Marcio Lino e Carlos Eduardo que sempre estiveram comigo e me apoiaram. Minha amiga Joyce Vitória, que inclusive visitou o Seringal comigo. Pedro K. R. U., que esteve comigo durante essa trajetória.

Quanto aos profissionais de dom eliseu, que me surprenderam com material sobre a cidade e me ajudaram a reconstruir este cenário tenho a agradecer a: Edmilson Kangussu, engenheiro agrônomo e agrimensor, que me supriu com os únicos documentos existentes da cidade, e sempre esteve disposto a tirar minhas dúvidas. E também ao meu pai, Ayeso Gaston Siviero, que sempre foi uma fonte rica de detalhes dos anos nunca escritos dessa cidade. A estes profissionais, meu muito obrigado, vocês fazem parte da história desse lugar.

Tenho também inúmeras pessoas que foram entrevistadas, sabendo ou não, que compartilharam comigo suas visões, frustrações e desejos para esta cidade, deixo meu agradecimento.

À Deus, dedico tudo que faço.

Ao povo de Dom Eliseu, entrego meu trabalho.

Introdução

Este trabalho propõe a criação de uma área de conservação das Seringueiras em Dom Eliseu Pará, na qual foi projetada uma biblioteca, buscando assistir a população em educação, lazer e cultura.

A escolha do local reflete uma busca pessoal por identidade, buscando reconhecer neste lugar uma singularidade, e em mim mesma, que cresci aqui e fui embora ainda criança, um pertencimento: me reconhecer daqui mesmo após 16 anos morando outros lugares.

Primeiramente, busquei reconhecer os processos históricos e econômicos que fizeram deste lugar, em grande parte, um não lugar. Realizei uma pesquisa sobre a região norte, o processo de formação e o momento histórico em que o Brasil decidiu colocar o norte no mapa e abrir caminhos até adentrar o estado do Pará por terra. E assim, num entroncamento rodoviário e dando suporte às atividades extrativistas, surge a cidade de Dom Eliseu.

A carência de espaços culturais e educacionais, com a população majoritariamente de baixa renda, instigou o projeto de uma biblioteca no Seringal, que promovesse o acesso à informação, e a promoção de atividades que abraçassem a experiência do bosque, de uma leitura em meio a natureza.

Assim, o projeto surge em resposta a estas necessidades e, enxergando no meio na cidade um resquício de seringueiras, associa a este local uma potencialidade de criar um lugar para promover a emancipação social, com educação e cultura, associado a um espaço histórico para a região.



1. Travessia seringal
Acervo Pessoal



CONTEXTO HISTÓRICO

O Norte

Uma história de sucessivas colonizações

Este capítulo busca fazer um panorama sobre o tratamento que o Pará e a Amazônia tiveram ao longo da história do Brasil. Desde sua formação, o processo de municipalização, o tratamento dado à floresta, como a visão perpetuada da região. Até chegar na sua relevância nos dias de hoje.

Embora gere riqueza, a riqueza não se fixa na Amazônia. De fato, o crescimento econômico expressivo que a região vem apresentando não é proporcional ao igualmente exorbitante crescimento da população (devido à migração). Sendo assim, Loureiro ressalta:

Ao longo de sua história, a Amazônia tem gerado sempre mais recursos para fora (Metrópole e Federação) do que tem recebido como retorno; tem sido, permanentemente, um lugar de exploração, abuso e extração de riquezas em favor de outras regiões e outros povos. Mesmo nos últimos trinta anos, quando grandes investimentos foram feitos em infra-estrutura, estes visaram possibilitar a exploração de riquezas em favor da Federação. (LOUREIRO, 2002, p. 107)

A colonização do Brasil foi feita sob a visão dicotômica de sociedade e natureza, sustentada pelas filosofias dominantes da época, e defendida pela ciência para justificar a exploração e colonização nas colônias. Apesar disso, segundo Cardoso e Pontes (2016, p. 100), dentro do território brasileiro as estratégias foram duas: “enquanto o país litoral produzia cana-de-açúcar e exploração da Mata Atlântica, a Amazônia foi controlada e reservada para futura exploração e foi tratada como ‘mundi-frontier’ sendo objeto de disputa entre portugueses, espanhóis, holandeses, britânicos e franceses”.

Dito isso, a ocupação no sentido de habitar o território sempre acompanhou o controle econômico da região. Observando o primeiro e o último esforço em penetrar a Amazônia, desde os fortões militares até as rodovias, o foco passou de defesa do território à integração do território, respectivamente; evidenciando o distanciamento da Amazônia com o resto do país.

A política portuguesa, visando ao exercício de sua soberania no mundo físico-político imerso que estava criando, firmou-se com a ereção de pequenas fortificações, que representavam o poder militar portugueses e asseguravam o exercício de sua soberania com maior segurança. O fortin do Presépio construído em 1919 por Francisco Caldeira Castelo Branco e origem do núcleo urbano que é hoje a cidade de Belém, foi o início dessa política de fortificações (REIS, 1984 apud TAVARES, 2008, p. 59)

Assim, na época das invasões holandesas, francesas e inglesas, disputando o território e domínio das drogas do sertão, funda-se



2. Arvore de grande porte em floresta
Acervo Pessoal



3. Extração de Látex
Acervo Pessoal

A Seringueira e a interiorização

os primeiros núcleos de aposseamento do território em 1615 e 1616, respectivamente: São Luís do Maranhão, Belém do Pará. Em 1621 cria-se o estado do Maranhão e Grão-Pará, com sede em São Luís.

Este marca o primeiro período de entrada na hileia amazônica, que caracterizou-se pelas poucas fortificações na entrada do rio Amazonas, expedições de expulsão estrangeira e intimidação contra os indígenas, e pela ocupação das Missões Jesuítas, que tinham como objetivo impedir que os indígenas se aliasssem aos europeus e também a escravização destes.

Com a importância econômica da região, o Estado passa à condição de Capitania em 1774 (TAVARES, 2008), e há a separação da colônia brasileira em duas administrações básicas na gestão de Pombal (DIAS e VALVERDE, 1967), (CARDOSO e PONTES, 2016), diretamente subordinadas a Portugal a do Estado do Maranhão, com sede em S. Luis, e a do Estado do Brasil, sediada no Rio de Janeiro com todo o território extra-amazônico. Assim, o Estado manteve os vínculos administrativos diretos com Portugal até 1822.

Segundo Tavares (2008), devido a forte hegemonia dos portugueses na vida política e econômica da Província, o processo de independência não ocorreu de fato no Pará, e teve como reação o movimento popular da Cabanagem, reação ao autoritarismo e desmando da elite política portuguesa, que durou até a década de 40. Este movimento teve como principais consequências a formação de comunidades quilombolas no interior e “o deslocamento de parte da população indígena que se dirigiram para a atividade de agricultura de subsistência e para a extração da borracha” (TAVARES, 2008, p. 64).

O primeiro grande pico econômico a mudar a estagnação do Pará e a influenciar novas entradas na região Amazônica foi o ciclo da borracha a partir da Segunda metade do século XIX. A técnica da borracha já era conhecida pelos indígenas Cambebes ou Omaguas, que ocupavam a região do rio Solimões-Maranon. Os seringais que localizavam-se na região ao redor dos rios logo se esgotaram em decorrência da precariedade do corte das árvores, forçando a busca por novas áreas de produção, adentrando a mata em direção aos rios Tapajós e Madeira.

A economia da borracha na Amazônia embora seja propagada como um período áureo, na verdade não enriqueceu a região, pois o excedente do valor produzido localizava-se nas pontas do sistema, em Belém, inicialmente; Manaus, depois, cidade em que estavam localizadas as firmas exportadoras. E na Europa e EUA, sede das grandes firmas internacionais. (TAVARES, 2008, p. 65)

Com isso, a expansão para o interior da floresta dos seringueiros fazia com que o tamanho das sedes municipais oscilassem durante a estação seca e a chuvosa; além de não fomentar a agricultura e o mercado interno, já que a maior parte das mercadorias eram oriundas de Belém. A atividade gomifera se desenvolveu bastante na época, segundo Tavares (2008), proporcionando um avanço tecnológico da técnica, e impulsionando o comércio com a Europa.

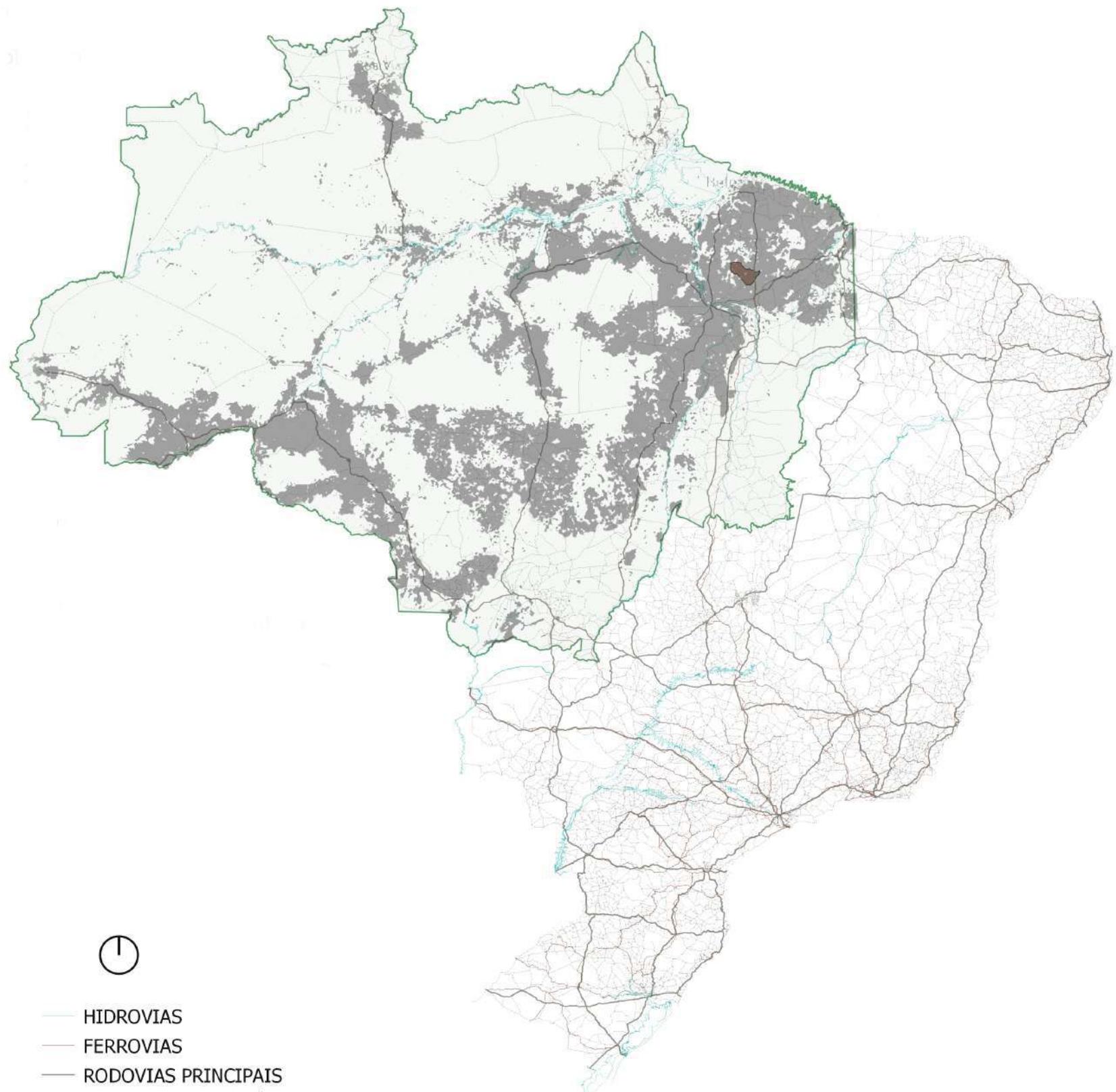
Grandes transformações marcam esse período, devido a importância de Belém, a cidade sofre um processo de renovação urbana e implantação de infraestrutura urbana como energia elétrica, telefone. Apesar disso, esse avanço não reverbera em todas as pontas da cadeia econômica:

Em contrapartida, os recursos naturais da Amazônia vêm sendo engajados nesse esforço de exploração da região pela União com uma força extraordinária e com grande desperdício, já que é justamente para explorá-los a custo baixo, ou próximo de zero (como no caso da floresta), que os novos capitais vêm se dirigindo nas últimas décadas para a região. (LOUREIRO, 2002, p.107)

Com o tempo, a questão da delimitação municipal tornou-se uma questão de difícil resolução, seja por interesses fundiários, ou por falta de recursos. Mas, segundo Loureiro (2002, p.69), não impidiu a criação de novas cidades impulsionadas pelo crescimento da economia da borracha às margem de vias fluviais importantes para a circulação da produção e das pessoas, como o rio Araguaia, Xingu e Tocantins.

O movimento de municipalidade passa a ser motivado por uma complexidade de fatores, como a localização dos seringais e sua extensão ao longo das vias fluviais; a expansão de atividades econômicas que atraíram a população para o território paraense; e a implantação de vias de circulação terrestres. (TAVARES, 2008, p.69)

Durante o governo da ditadura de Vargas, na década de 30, inicia-se um processo de centralização, com nomeação de prefeitos e intelectuais por conveniências políticas. Tavares (2008) destaca que este mecanismo foi mantido o coronelismo no meio rural, beneficiando os proprietários de terra. Com o advento de uma nova constituição, na década de 40, o IBGE assume a frente do movimento municipalista brasileiro.



MAPA 1. Dom Eliseu na franja do desmatamento
Produção própria

A criação da BR-010



4. Belém - Brasília a 13 Km ao norte do ramal para Paragominas (PA)
3. Cenas da abertura da rodovia

Acervo IBGE

Com a Constituição Federal de 1946, garantiu-se em certa medida a autonomia política, administrativa, financeira do município, porém esta autonomia era limitada pelo governo estadual. Dessa forma, será possível o começo do desenvolvimento das cidades, como cidades - ou seja, o que começou com vilas de extração dependentes de Belém, passam a ter autogoverno e autoadministração. Um novo movimento se inicia na década de 50, com o propósito de desenvolvimento e integração da Amazônia brasileira.

Na década de 50, inicia-se a implementação de projetos de integração da Amazônia. Inaugura-se a Belém-Brasília em 1955, cria-se a SPVEA (Superintendência para Valorização Econômica da Amazônia - 1953), que viria a ser mais tarde a SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) e planeja-se a implementação de projetos particulares e públicos na região. (TAVARES, 2008, p.71)

Dessa forma, com a construção da Belém-Brasília, inicia-se uma nova explosão de municípios no Pará, atraindo uma grande mobilidade populacional para a Amazônia em busca de terras devolutas, sendo responsável pelo surgimento de dezenas de vilas; agravando também a problemática da luta pela terra. Dentro desse processo, Tavares (2008, p.69) aponta que: (...) “a criação de municípios, portanto, expressa muito mais a expansão do povoamento em função da extração, do que um enriquecimento das populações locais.” E nesta onda de novas cidades que surge a vila de Ligação, que posteriormente daria origem a Dom Eliseu.

Retomando, temos uma grande região Amazônica, que por muito tempo teve baixíssima densidade demográfica e inserção pautada pela navegabilidade dos rios. Apesar de ter tido diversas ações para garantir a posse, a fixação das pessoas no território nunca foi efetiva; diversas vilas que foram sendo fundadas ao longo do período tornaram-se extintas e foram recriadas, mas, devido as finalidades extrativistas, monopólio das mercadorias em Belém, e à hileia amazônica, mantinha-se com pouca densidade populacional.

ESTA ESTRADA É UMA R

A Belém—Brasília foi a primeira Transamazônica.

"Esta estrada será uma avenida", disse um dia Bernardo Saião, seu construtor, que morreu debaixo de uma árvore, quando ela foi aberta. Já é uma rua, de 2 200 quilômetros. Todo mundo conhece todo mundo. As pessoas mandam recados pelos motoristas de caminhão. O boiadeiro de Paragominas, Pará, é vizinho do comerciante de Gurupi, Goiás. E estão sempre viajando. Se você procura Seu José, em Colinas, a mulher dele pede desculpas: "O José foi ali em Araguaína". A distância de Colinas a Araguaína: 140 quilômetros. Ele volta já.

Se alguém preciso ir para o sertão, o sacristão manda o menino Uruaçu, falar com o sacerdote tantinho". De Porangatu, a 192 quilômetros da grande avenida, saem as estradas que dão origem a vilas e cidades. Os repórteres e os fotógrafos acabam de fazer o que fizeram em Paris—Moscou: percorrem a estrada Belém—Brasília, iniciada há pouco tempo, de viagem, parando em todos os lugares que viram o que poderiam ver. Eles querem saber se é só a Transamazônica. Cujos resultados são surpreendentes: "Será uma estrada que vai mudar o Brasil".

6. Encarte que mostra a visão otimista com a criação da Belém-Brasília; um vislumbramento com a possibilidade de chegar ao norte um curto período; demonstra o surgimento espontâneo de cidades ao longo da rodovia.

Excerto extraído do livro "A Rodovia Belém-Brasília: estudo de geografia regional"

A vila de Ligação sinalizada no mapa ainda existe, e faz parte do município de Dom Eliseu, ainda como Vila.

Acervo IBGE



1959. A estrada avançava 1 quilômetro por dia. Prazo da obra: dois anos. Saião dirigia uns 3 400 homens.



1970. Mais de 2 milhões de pessoas vivem na estrada. Onde era mato, há povo.

**ADA
UA**

sa do vigário de Porangatanga esperar: "Ele foi a o bispo. Volta num ins- angatu a Uruaçu são "ape-etros, uma pequena parté, onde em torno de gelas. Luís Edgar de Andrade, Juijgi Mamprin, fotógrafo, duas vêzes a distância Pa- correram numa Rural a da e volta. Em vinte dias o em todos os lugares, elés á ser em dez anos a Tran- maior elogio até hoje foi nova Belém—Brasília".



es de brasileiros já moram aqui.
voados a cada 15 quilômetros.



Angela Maria, dezenove anos, maranhense de Grajaú e prostituta em Forangatu. Seu desejo: voltar para onde nasceu e trabalhar na roça.

lo". (O salário mínimo na época era de 5.000 cruzeiros velhos.)

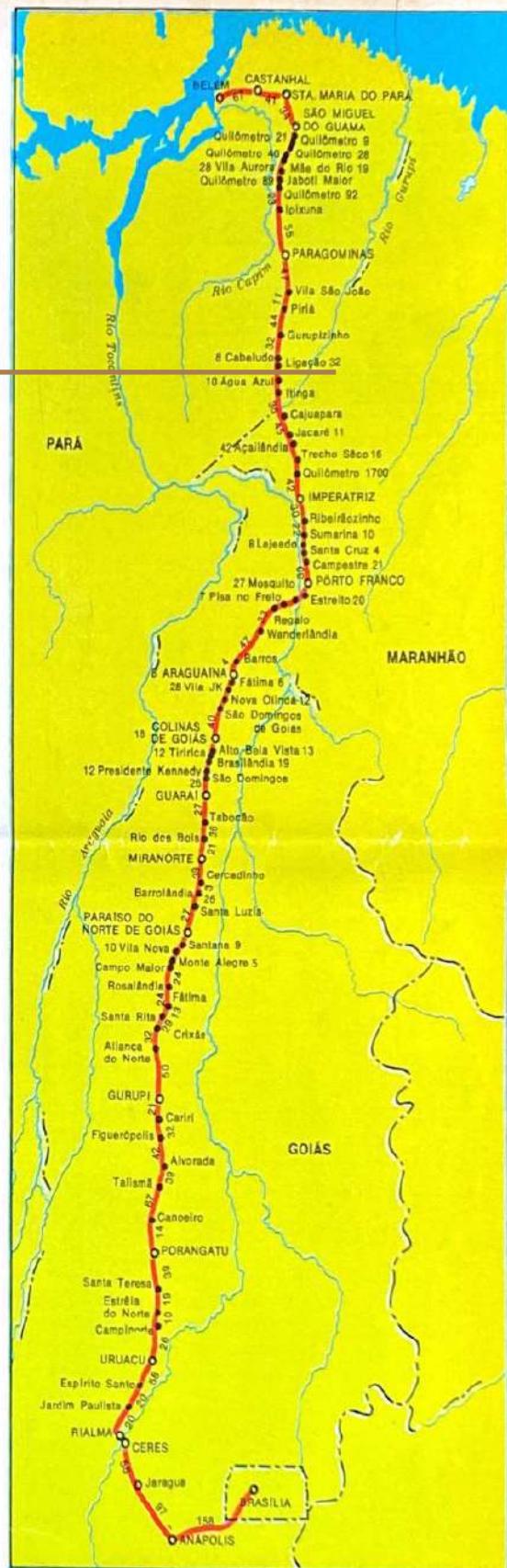
Quilômetro 607. Imperatriz, Maranhão. O Prefeito Renato Cortez Moreira, do MDB, costuma afirmar:

— Nós aqui nos sentimos muito mais no Brasil do que no Maranhão.

A "Encyclopédia dos Municípios Brasileiros", edição de 1960, dizia de Imperatriz, cidade fundada por volta de 1800: "População de 5 961 pessoas. Liga-se aos municípios vizinhos e à capital do Estado pelos seguintes meios de transporte: Amarante do Maranhão (cidade mais próxima), 144 km, a cavalo; São Luís (capital), de três maneiras — 1) a cavalo até Pedreiras (584 km), daí até Coroatá (93 km) por jardineira, de Coroatá até São Luís (237 km) por ferrovia; 2) até Pedreiras (584 km) ainda a cavalo e daí a São Luís por via aérea, passando por

Teresina (1 125 km) ou por Belém (1 131 km); 3) de barco, descendo o Tocantins até a confluência do Araguaia, seguindo até a foz do Amazonas, transpondo a baía de Guarájá e seguindo pelo oceano Atlântico até São Luís. A encyclopédia assinalava ainda: "Um caminhão é o único veículo registrado na Prefeitura Municipal de Imperatriz. O movimento de veículos é da ordem de três carros por mês".

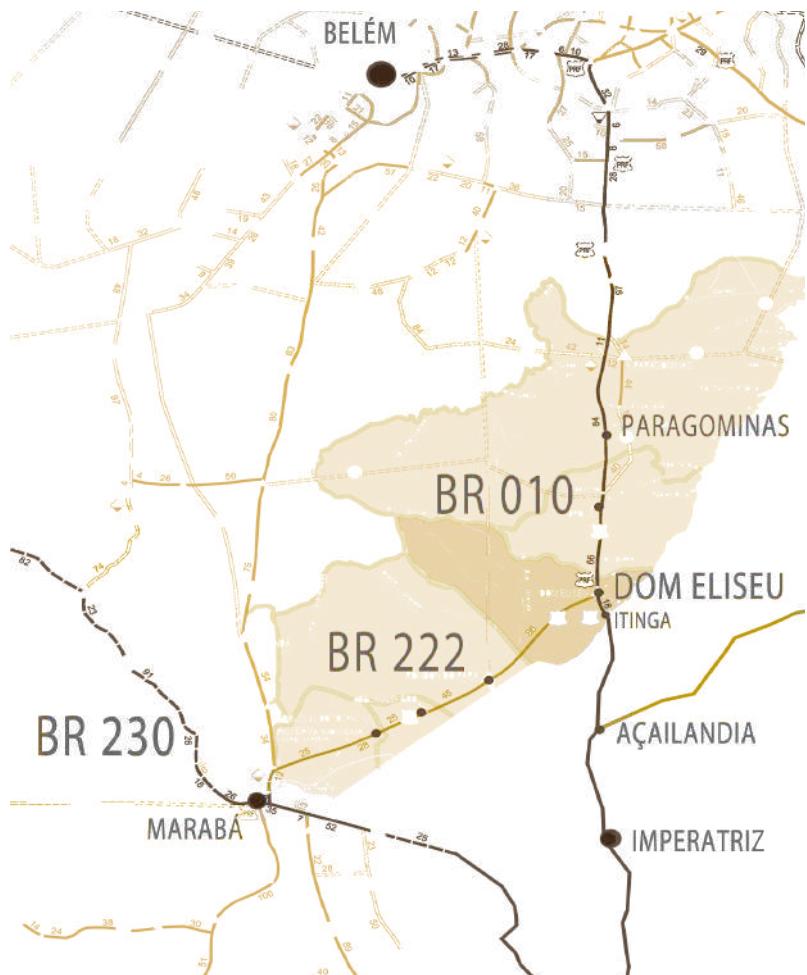
Dez anos depois da Belém—Brasília, Imperatriz sonha ser a capital de um futuro Estado do Tocantins. A população da cidade é estimada em 45 000 habitantes e a do município em 120 000. Há 450 veículos registrados na Inspetoria Municipal do Trânsito. Céreca de 200 caminhões atravessam diariamente a cidade. Em 1960, fazia cinqüenta anos que não se construía uma casa nova em Imperatriz. Agora se constroem três prédios por dia, ~~seguramente~~



Povoados que ainda não tiveram tempo de ser batizados usam como nome o marco quilométrico. Geralmente, ainda na quilometragem antiga



O Zero



Destaque região do município de Dom Eliseu, cortados pelas rodovias BR 010 e BR 222. Esta ultima, a rodovia que interliga a 010 a 230, respectivamente, transbrasiliana e transamazônica.

MAPA 2. Dom Eliseu em relação as cidades relevantes mais próximas

MAPA 3. Dom Eliseu entre redenções

Dom Eliseu
Emancipada em 1988
Localizada no sudeste do
PA
Área Municipal: 5.296km²
População Estimada:
51.319
Habitantes
Salário médio dos trabalha-
dores formais: 1,7 salários
mínimos

Até 1967 o município de Dom Eliseu era conhecido e denominado como “Zero” por estar no início da rodovia BR 222 (antiga PA-70), ligando a BR 010 (Belém-Brasília) à Marabá, centro regional, e, posteriormente, à BR 230 (Transamazônica) que ligava o norte ao nordeste. O que, de acordo com Almeida (2014, p. 31) “permite atribuir ao município a função de um importante entroncamento rodoviário, um lugar de trânsito de mercadorias e de pessoas, permitindo uma forte dinâmica de crescimento”.

Antes de ganhar importância como entreposto comercial, pelo entroncamento das rodovias, a cidade com maior influência era o Itinga, que posteriormente foi dividido em Itinga Maranhão e Itinga Pará, sendo o território paraense parte do município de Dom Eliseu.

Os primeiros colonizadores da região não apresentavam grande interesse na extração e processamento da madeira. Mas, para que o Banco da Amazônia liberasse financiamento e posse da terra para formar pastos, a derrubada da mata se fazia necessária. Por isso, foi um período marcado pela queimada. O avanço sobre a floresta nativa foi feito com uma velocidade espantosa pelos “conquistadores”, aqueles que desbravaram a mata, abrindo primeiro próximo às estradas abertas e das áreas de povoamento.

Os incentivos governamentais estimularam o deslocamento para a região visando o estabelecimento da atividade pecuária, que foi o motivo inicial da maior parte dos deslocamentos para a região, então, os migrantes focavam-se na derrubada da mata, na queima com o propósito de limpar a propriedade e formar pastos. O desesperar para a extração da madeira ocorreu um pouco depois (ALMEIDA, 2014, p. 33).

Na década de 70 o extrativismo vegetal ganhou força se tornando a principal atividade. A cidade era ocupada pelas serrarias e seus trabalhadores, que moravam em alojamentos das próprias empresas. Paralelamente, enquanto as terras iam sendo abertas para a retirada da madeira, a atividade da pecuária se instalava.

Entre pecuaristas e empresários da madeira se estabeleceu uma relação de reciprocidade, os madeireiros extraíam a madeira das áreas de floresta densa, das quais muitas eram de propriedade dos pecuaristas que abriam campos para a implantação de pastagens. (ALMEIDA & UHL, 1998 apud ALMEIDA, 2014, p. 37)

Uma mentalidade bastante colonial se observa nestas cidades recentes paraenses. Almeida (2014) mostra como a região tinha um grande atrativo, devido às terras baratas, a política de incentivos fiscais, lançados a partir da chamada Operação Amazônia em 1966, apresentando características fortemente predatórias, visto que os empresários da madeira e da pecuária que instalaram seus empreendimentos na região não trouxeram suas famílias.



Para demonstrar a efemeridade da ocupação, até a década de 90, a maior parte dos domicílios que predominavam na sede urbana eram feitos de madeira. Pouca ou nenhuma infraestrutura urbana, apenas um lugar de ganhar dinheiro. Então, na década de 90, a ocupação ainda era a mesma que os geógrafos Dias e Valverde (1967) notaram nos primeiros anos da construção da Belém-Brasília:

Nas sedes das grandes invernadas começam a surgir, todavia, casas de madeira beneficiada, com ripas nos interstícios, teto de quatro águas, cobertura de telha. São construídas sobre estacas, assoalhadas; varandas cercam as dependências das habitações. As casas de alvenaria são raras. (VALVERDE & DIAS, 1967, p. 131)

Com o tempo, as áreas florestais foram cada vez mais se afastando do município, enfraquecendo a indústria madeireira. Da mesma forma, o uso extensivo do solo fragilizou a atividade pecuária. Mesmo as carvoarias que aparecem devido o mercado das indústrias siderúrgicas em Marabá e Açaílândia, rapidamente se extinguiram também. Surge, então, um terceiro ciclo econômico, da cultura da soja e do milho, que também se beneficia de incentivos fiscais.

Será nesse contexto que, na primeira década do século XXI, surgiram duas novas atividades econômicas na região, a produção mecanizada de grãos (soja e milho) e o reflorestamento para fins industriais com Paricá e Eucalipto. Estendemos um pouco mais a reflexão sobre cada uma dessas atividades. (ALMEIDA, 2014, p. 37)

Uma segunda pressão que houve no caso das madeireiras, em 2008, o município entrou para a lista dos municípios que mais desmatam na Amazônia, conforme Portaria MMA/2008. Após 2008, a taxa de desmatamento anual passou a cair gradativamente, segundo PRODES/INPE (2015). Mesmo assim, dados do PRODES (2015) mostram que a área territorial do desmatamento no município de Dom Eliseu passou de 47,2% da área total em 2000 para 65,64% em 2015.

Mesmo com estes diversos ciclos econômicos constantemente extraíndo riqueza da terra, esta não se fixou nem no município, nem beneficiou o seus atuais habitantes. O principal setor de geração de emprego em 2010 foi o de serviços. O salário médio mensal dos trabalhadores formais (IBGE 2018) é de 1,9 salários mínimos, sendo que a população ocupada representa apenas 8,4% da população total. Quase metade da população (44,3%) tem rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo (IBGE 2010).

Esta área nasce como apoio a uma prática de exportação, que se aproveita da logística que existe (rodoviarista) para ser escoada - a cidade é um detalhe. No fim, a questão a ser elaborada é que as cidades recentes da região do sudeste do Pará são o resultado do inchaço populacional daqueles que vieram para enriquecer ou trabalhar em função das commodities. Simbolicamente, a cidade é um acampamento de trabalho.



As cidades na borda do desmatamento



8. Serraria urbana
Acervo Pessoal

Em conclusão: a cidade de Dom Eliseu é apenas mais uma no modelo típico de cidade no Pará. Na região, não existe o interesse em fazer cidade de forma correta, com estruturas essenciais para a habitação. O que existe é uma elite econômica que se aproveita do espaço rural. É uma caracterização típica da região. A cidade está à revelia disso, as coisas estão saindo (seja madeira, seja minério. Ninguém está interessado em construir cidade.

Em entrevista com prof^a Dr^a Ana Claudia Cardoso, realizada no dia 08 de Agosto de 2020, a repercussão do modelo de ocupação do Pará no surgimento das cidades fica ainda mais entrelaçado.

Em entrevista, Cardoso contrapõe a diferença do modelo das cidades do Norte com São Paulo:

São Paulo se vê periférica, mas está no centro do Brasil. O Pará é sim a periferia. Aqui não há controle do espaço urbano, pois há grilagem de terra pública. Nos anos 40 começou uma série de benefícios na região para desmatar. Ou seja, o mundo colonizava, então o Brasil decidiu colonizar a região Norte. (Cardoso, 2020)

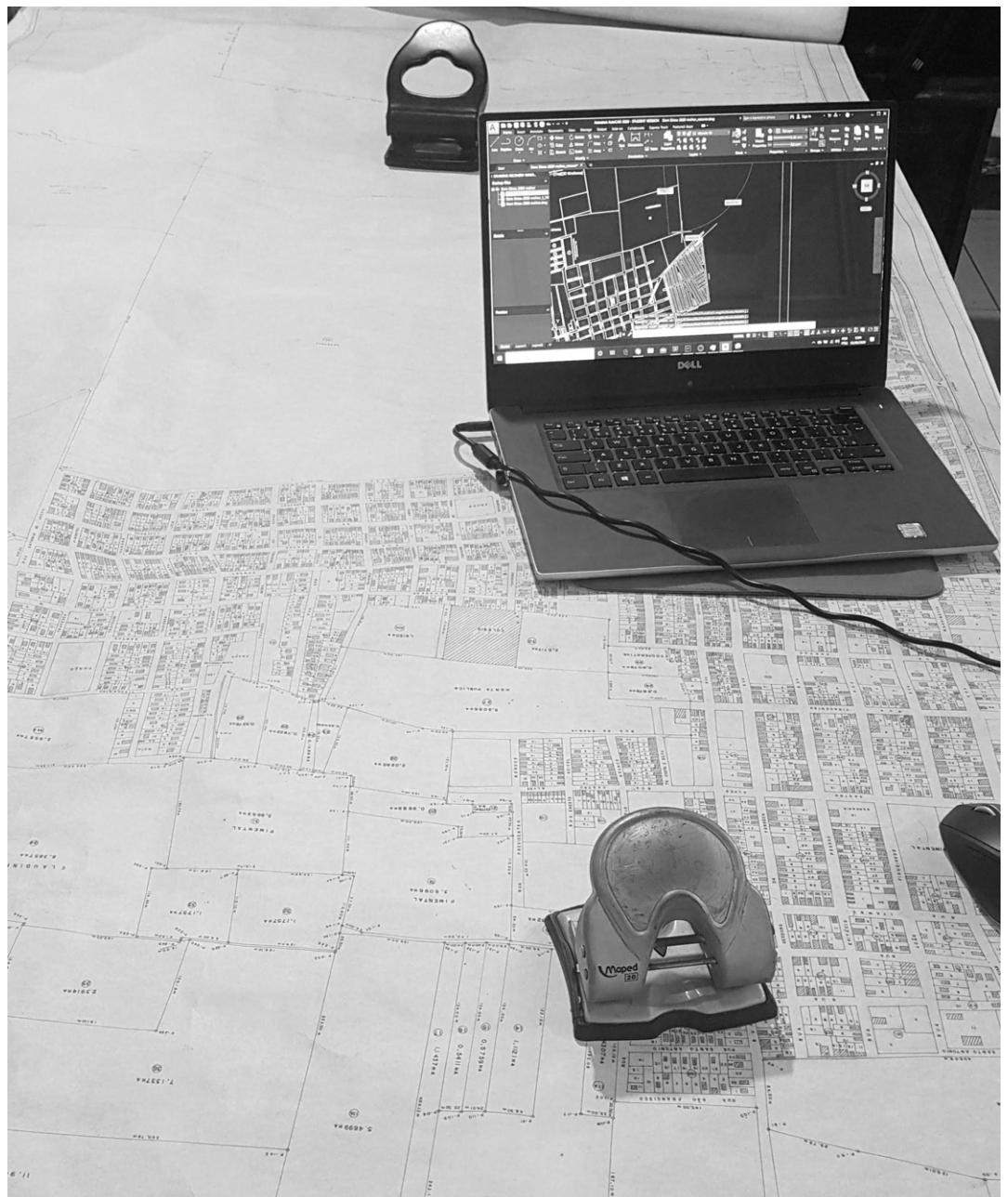
Até que houve uma intervenção pública; a terra não valia nada e depois se torna ativo. Este momento de virada foi abordado no capítulo anterior, dado destaque ao surgimento de uma rodoviário como mecanismo de ligação da rede comercial Norte-Sul do país.

Enquanto isso, tinha gente aqui, que morava que ocupava e que foram excluídos dessa nova ocupação. Essas atividades modernizadoras tiraram o trabalho de quem estava aqui, e retiraram também o meio de vida. (Cardoso, 2020)

É importante destacar aqui que, em contraponto a estes projetos desenvolvimentistas, a ideia de cidade, produção de espaço público, é negada a população; a construção de rodovia fechou em si a finalidade destes locais, cidades porto de recolhimento da produção que será lançada ao exterior. Extraí as riquezas, findando-se em relações financeiras individuais. Ou seja, que se limitam ao dono da terra, e a união que vai recolher os impostos, e quem vai comprar no exterior.

Assim, de forma a ir contra todo o histórico da região, e buscando um novo ideal de cidade, este trabalho irá compreender a cidade não apenas como a forma física do aglomerado populacional, mas como uma configuração espacial que está articulada a conceitos e valores imateriais. E, irá fazer o esforço de qualificar o espaço público, e considerar os aspectos peculiaridades da cidade e da população até então ignorados.

ANÁLISE DO LUGAR



8. Processo de documentação
Celular particular

PROCESSO DE TRABALHO

O processo de compreender e explorar Dom Eliseu dividiu-se em três frentes de atuação: levantamento de material técnico, entrevistas para reconstrução falada da história da cidade e exploração do território.

[1]. DOCUMENTAÇÃO.

Por ser uma cidade com pouco mais de 30 anos, que surgiu a partir da emancipação de Paragominas na década de 80, seus registros dos anos anteriores se mantém na cidade originária e aqui, há pouca documentação disponibilizada digitalmente. Por exemplo, os mapas mais抗igos de Dom Eliseu já são da época da emancipação, e tratam-se apenas do loteamento dos bairros da cidade. Dessa forma, é possível entender quais partes de Dom Eliseu foram sendo relevantes no sentido financeiro ao longo do tempo, mas não é possível entender sua ocupação efetiva desses espaços. Assim, para conseguir entender o processo de formação da cidade, foram necessárias várias visitas à prefeitura local, conversas com geólogos e geógrafos que atuam localmente para conseguir os arquivos do mapa da cidade. Mesmo assim, como a documentação mais recente da cidade datava de 2007, foi necessário recorrer às imagens do Google Earth e Google Maps para atualização do entorno do local, junto às imagens particulares de drone cedidas pelos geógrafos.

[2]. VISITAS

Como objetivo do trabalho visava a preservação da área do Seringal, que atualmente se encontra em disputa entre a prefeitura e a proprietária, foi necessário também realizar várias visitas para explorar todo o perímetro do Seringal. Neste processo, foi possível verificar o posicionamento das clareiras e mapear os caminhos já realizados pelos habitantes locais, achando também os lugares com potencial para intervenção, sem que ocorresse uma derrubada de árvores. Além disso, como este trabalho acompanha também o período de um ano em que morei na cidade, foi possível observar as transformações que o Seringal sofre ao longo do ano, variando no período de chuva e seca.

[3]. ENTREVISTAS E CONVERSAS

Realizei entrevistas formais e informais durante todo o processo do TGI. Em TGI I, cheguei a documentar as entrevistas formais que realizei, com finalidade histórica e de satisfação com a cidade atualmente. Mais recentemente, realizei entrevistas informais com o público jovem, buscando entender a real situação das escolas, praças e áreas de esporte da cidade. Dessa forma, todo o trabalho atende a uma demanda da cidade.



- | | |
|-----------------|------------------------------|
| ■ RODOVIAS | ■ QUADRAS C/ ALTA DENSIDADE |
| — RIOS | ■ QUADRAS C/ BAIXA DENSIDADE |
| - - RUAS RURAIS | ■ PRAÇAS |
| ■ SERINGAL | ■ ÁREA VERDE DENSA |
| | · · · PASTO/PLANTIO/FAZENDA |
| |
 |
| | ■ ESCOLA |
| | ■ QUADRA ESPORTIVA |
| | ■ PRAÇA |
| | ■ TEATRO |

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DA CIDADE

[1]. ESCOLAS

Conversando com amigos que frequentam e frequentaram o ensino público municipal, há uma inadequação de computadores para os alunos, em certas escolas há superlotação e mesmo nas escolas que constam bibliotecas, não estão em funcionamento. Este fato pode ser observado no gráfico de Quantidade de Alunos, onde há uma monopolização dos alunos em 4 escolas. A questão educacional no município se fez ainda mais presente durante a pandemia. Os alunos tiveram que ficar em casa e, como grande parte dos alunos sequer possui internet em seus domicílios, houve uma grande perda de aprendizado. Não há também espaços adequados para reunião e estudo no período

[2]. PRAÇAS

Recentemente, houve inauguração de novas praças na cidade, frutos da gestão anterior, além de uma renovação dos espaços existentes. Porém, anterior a isso, os espaços públicos sempre estiveram em situação precária, e não constavam nas prioridades do governo. Apesar da vontade, ainda há poucos espaços para a população de forma geral, além de alguns terem sido feitos de forma equivocada. Apesar disso, no centro da cidade há o Mercado Municipal, que acompanha uma praça, quadras esportivas, e uma região de comodoria. Apesar do projeto ocupar mal o espaço do mercado, ele é efetivo no uso.

[3]. QUADRAS ESPORTIVAS

Há um bom número de quadras esportivas na região, inclusive distribuídas pelos bairros. Mesmo próximo do local de intervenção, há uma quadra. As reclamações que recebi são de precariedade de estrutura das quadras, pouca manutenção, e pouco incentivo público para o esporte.

[4]. CENA CULTURAL

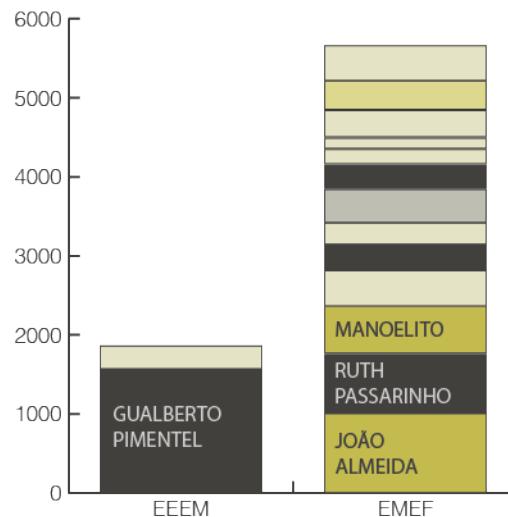
Atualmente, há um teatro recém inaugurado na cidade, porém ele está longe do centro, e numa região pouco povoada. Além disso, ainda não foi utilizado. Ao longo dos anos, medida promovendo a educação instrumental, formação de bandas, apresentações, foram e vieram sem consistência.

[5]. ÁREA VERDE

Em qualquer foto aérea da região, é impactante a mancha verde que consta sobre a cidade. Porém, essa mancha trata-se das fazendas e áreas de vegetação rasteira de terrenos vazios da região. Manchas densas estão em menor número, devido as ações agressivas de derrubada e abertura que são presentes até hoje.

MAPA 4. Distribuição de equipamentos públicos na cidade
Produção própria

QUANTIDADE DE ALUNOS NAS ESCOLAS PÚBLICAS



Escolas Estaduais de Ensino Médio

PIMENTEL***

ANT. JESUS

Escolas Municipais de Ensino Fundamental

NUNES

JOÃO ALMEIDA

RUTH PASSARINHO*

PRESBITERIANA

COROLLI

PROF. COLLOR

MANOELITO**

RUI BARBOSA

ANT. DE SOUZA

PROF. OSVALDINO

LEOPOLDO

F. DAS CHAGAS

MARIA DE NAZARÉ

* Computador para os alunos

** E Laboratório de Informática

*** E Biblioteca

A grande maioria tem wi-fi

GRÁFICO 1.
Quantitativo de alunos nas escolas
Elaboração própria

9. Fotografia do comércio no mercado municipal
Acervo Particular





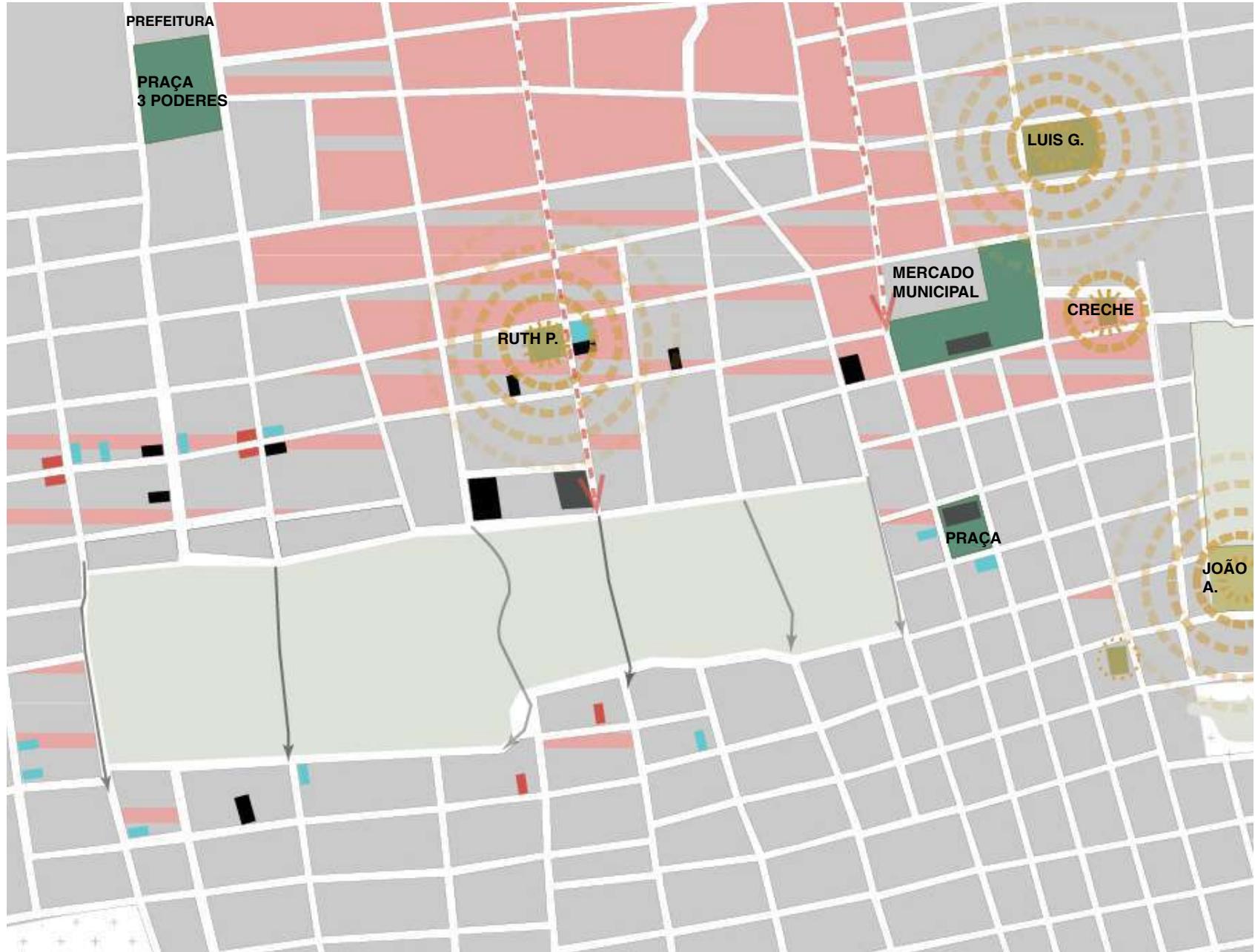
10. Praça do Mercado Municipal
Fotografia: Danilo Breda



11. Equipe de basquete jogando na quadra
Acervo Particular

12. Quadra do Mercado Municipal
Acervo Particular





■ IGREJA
■ QUADRA ESPORTIVA
■ MERCADINHO
■ BAR
■ ESCOLA

COMÉRCIO
 COMÉRCIO C/RESIDENCIAL
 RESIDENCIAL C/COMÉRCIO
 RESIDENCIAL
 PRAÇAS
 ÁREA VERDE DENSA

--- RUAS COMERCIAIS
○ ÁREA DE INFLUENCIA DA ESCOLA
— CURVA DE NÍVEL
- CAMINHOS
→ PASSAGEM CARRO

USO DO SOLO E INFLUÊNCIAS NA ÁREA DE INTERVENÇÃO

[1]. BAIRRO DA CHINESA

O bairro em que o Seringal se encontra se chama bairro da Chinesa, nomeado após a antiga dona. Este bairro que é majoritariamente residencial. O bairro surgiu após a apropriação dos residentes de Dom Eliseu da terra, até ser loteado. Apesar disso, a área que tinha plantada as seringueiras permanece até hoje intacta, e há um sistema de parceria entre coletores e o proprietário. A região está em disputa com a prefeitura municipal.

[2]. BAIRRO CENTRO

O bairro em que o Seringal se encontra se chama bairro da Chinesa, nomeado após a antiga dona. Este bairro que é majoritariamente residencial se encontra abaixo do centro, que tem grande fluxo de transeuntes. Apesar disso, da rodovia, que é paralela à avenida principal da cidade, até o seringal, o fluxo comercial vai se esvaindo.

[3]. ESCOLAS

Num raio de até 400m, o Seringal se encontra próximo de 3 das 4 escolas públicas mais populosas da cidade: do fundamental, a Ruth Passarinho, que também é a mais próxima do local; e de ensino médio, Luis Galberto e João Almeida. Dessa forma, o espaço estaria de fácil acesso aos jovens da região.

[4]. QUADRAS ESPORTIVAS

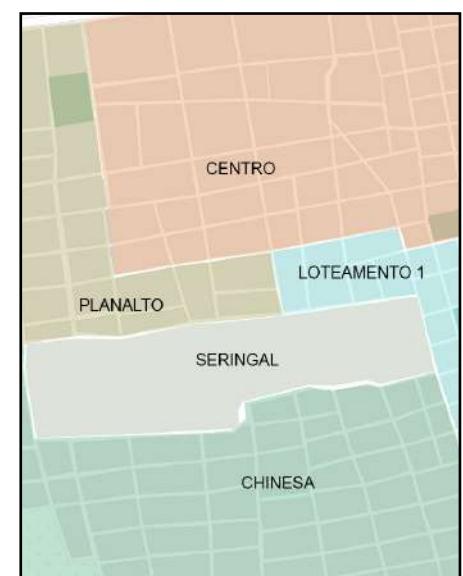
Ao redor do Seringal, existem 3 quadras que podem dar suporte: uma de futebol, na praça próxima à direita; uma poliesportiva numa das ruas que cortam o parque; e duas de areia no Mercado Municipal. Dessa forma, imediatamente não há necessidade de novos espaços neste sentido, mas há abertura para expansão no futuro, caso necessário.

[5]. TRAVESSIA DE CARROS

Vias de carros se formam pelos moradores que faziam o percurso do centro ao bairro da Chinesa. A área toda do Seringal, com duas vias perimetrais, são atualmente de chão de terra. Isto não impediu que se fossem formadas ruas de terra atravessando o bosque. Elas se formam na distância natural das seringueiras, que é 7 metros. Um delas, inclusive, é a continuação de uma das ruas comerciais mais movimentadas, embora no Seringal não haja tal movimentação.

[6]. PERÍMETRO DO SERINGAL

O perímetro imediato do bosque é todo residencial, com inclusive algumas casas dando as costas para o local. O chão é de terra. No entorno próximo, entre a 1 e 2 quadra, começa a aparecer sistematicamente a seguinte configuração: bar, mercadinho e igreja, de forma numerosa.



MAPA 6. Diagrama dos bairros

Seringal





12. Foto travessia de carros no seringal
Acervo Particular

Como não há documentação histórica da cidade, este enxerto foi elaborado a partir de depoimentos locais, e do depoimento de Jewly Li datado de fevereiro de 2020, proprietária da região do Seringal. A família Hsiang se instalou na região na década de 70, quando a cidade ainda era o vilarejo conhecido como Quilômetro Zero. A família foi uma das que vieram desbravar a região, estabelecendo o plantio de pimenta do reino com a permissão de desmatar 50% da área de acordo com o Código Florestal da época. Dessa forma, a família obteve o título da terra pelo INCRA, pois atingia os requisitos de produtividade, implantação de cultivo agropecuários e contratação de mão-de-obra exigidos - estes trabalhadores em sua maioria eram de outras cidades, devido a escassez de mão de obra. Estas famílias que migraram para a região acabaram por formar o centro da cidade.

O Seringal surge em 86 ocupando 20% da propriedade, o permitido pelo novo código florestal da época. Com a morte do patriarca da família, a mãe assumiu e também começou a cultivar plantas frutíferas no local, abastecendo a feira local. A Partir dos anos 2000, a propriedade começou a sofrer sucessivas invasões de terra, promovidas por candidatos a vereador que prometiam doações de partes da propriedade por voto. E mesmo com os mandados de reintegração de terra, as invasões se repetiam próximas às eleições, como consta Jewly Li em seu depoimento. De forma geral, esse processo teve continuidade, inclusive com a venda ilegal e loteamento da propriedade, até que se formou o bairro atual. Os antigos invasores e atuais habitantes foram derrubados as árvores frutíferas, mas não mexeram no setor das seringueiras. Em questões legais, a propriedade que comportaria os lotes e o seringal está em processo de regularização da posse, e compra das propriedades pela prefeitura, incluindo o Seringal.

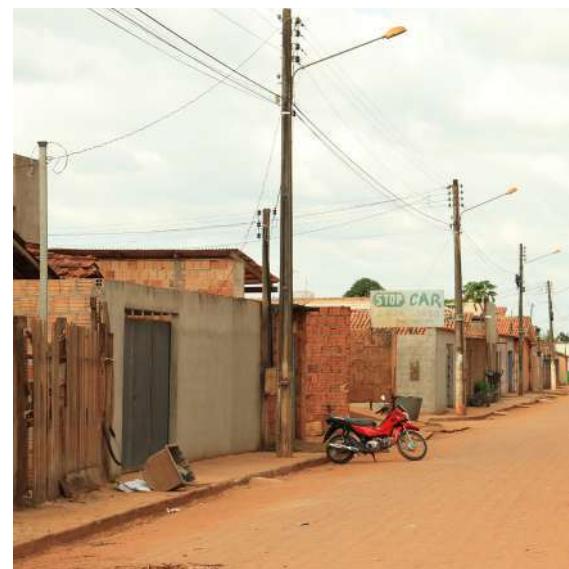
O bairro que se formou sempre se manteve de forma precarizada na cidade, O próprio Seringal até a época de 2014 era conhecido por ser o cenário de vários crimes na cidade. Até que, em 2016, passou a receber tratamentos da prefeitura para urbanização da área, com colocação de iluminação e asfaltamento. Como no setor em que estavam as seringas, não foi apropriado, ele continua na propriedade dos herdeiros. E eles possuem um sistema de parceria com os coletores de leite da seiva da seringueira.

Nesta mesma gestão, foi procurado o IDEFLOR, Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará, para receber recursos para transformar a área do Seringal em um parque ecológico. A seringueira, embora plantada, é nativa da flora brasileira e protegida pelo código florestal. Mas o processo atualmente se encontra parado. Ou seja, a área está sendo visada para um projeto que a trata com preservação e possa ser apropriado pela cidade. Nisto, este projeto se faz extremamente necessário.

MAPA FOTOGRÁFICO DO SERINGAL



13



14

MAPA 6. Google Earth alterado, foto aérea.



13 a 17. Entorno seringal
(13, 16 e 17) Acervo Particular
(14 e 15) Danilo Breda



17

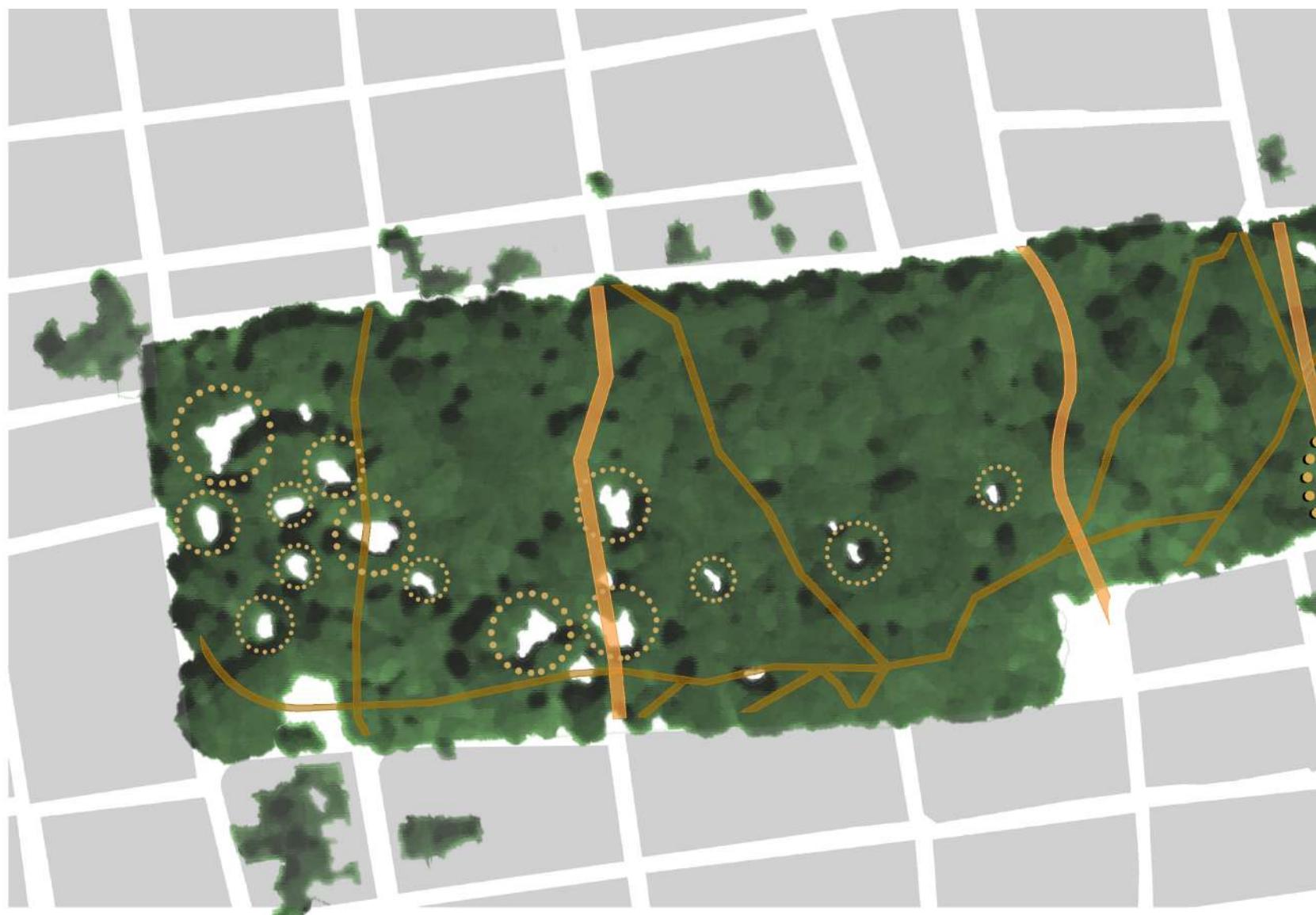


16



15

ANÁLISE DO SERINGAL





[1]. CLAREIAS

Existem já alguns espaços abertos de clareiras na parte interna do Seringal, que acabaram caindo de forma natural ou não. Assim, para alguns espaços seria para apropriação, visto que são maiores, e alguns seriam destinados para reposição de árvores.

[2]. ABERTURAS NAS BORDAS

No perímetro do Seringal há algumas áreas que já estão mais abertas. Estas áreas tem potencial para receber equipamentos maiores. Será projetado uma biblioteca, mas nas áreas remanescentes fica o potencial de expansão desta ou de receber equipamento esportivos.

[3]. TRAVESSIAS DE CARROS

Atualmente há 5 travessias na área, contando com as perimetrais. Estas ruas que cortam o parque serão fechadas, para livre apropriação da natureza, restando apenas uma no centro. Esta ficará por ligar a região mais movimentada da cidade ao projeto, dado visibilidade ao mesmo.

[4]. TRAVESSIAS A PÉ

Foram identificados vários percursos no Seringal, marcados pelas pisadas. Estes percursos cruzam o parque de formas variadas e serão apropriados no novo projeto, de forma a levar em consideração a demarcação da população. Além destes, serão realizados novos percursos para complementar os existentes, e liga-los aos novos equipamentos projetados.



MAPA 7. Mapa das pré-existentias e diretrizes.



JANEIRO



SETEMBRO





JANEIRO



SETEMBRO

SAZONALIDADE DO SERINGAL

Dom Eliseu, por estar apenas a uma latitude $04^{\circ}17'06''$ sul, apresenta pouca variação nas estações do ano. A região é conhecida por ter apenas uma variação entre época de chuvas e secas. É possível verificar essa variação pela mudança nas copas das árvores, que ficam mais cheias nos períodos mais chuvosos. É possível notar também que as clareiras perdem visibilidade na vista de topo no período chuvoso. Porém, isto não compromete o espaço, pois o espaço terrestre continua bem aberto.

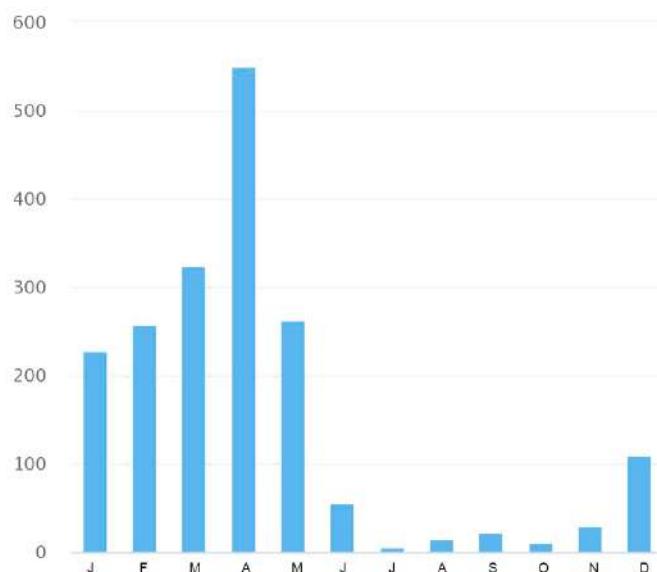
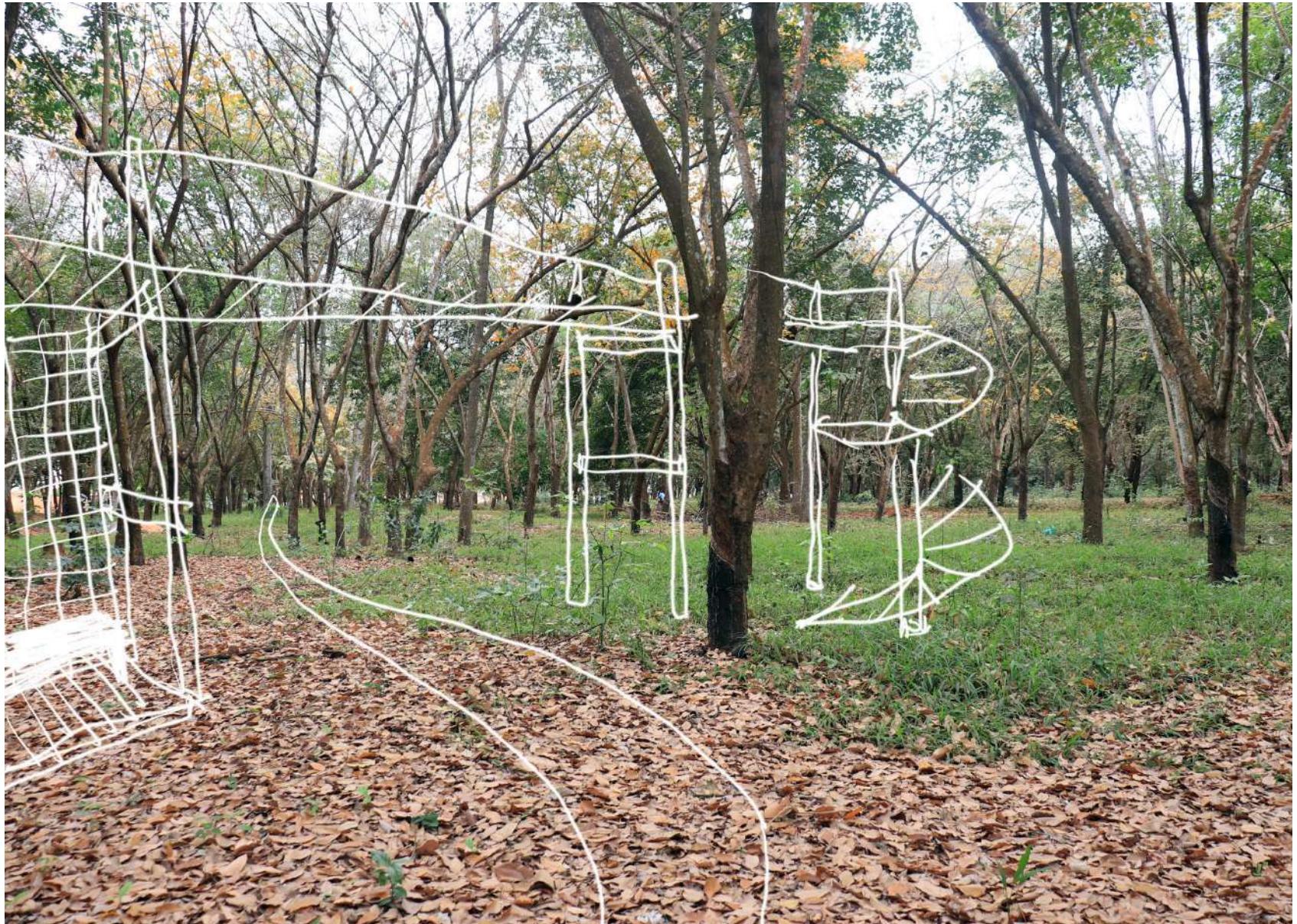


GRÁFICO 2. Gráfico de chuva de Dom Eliseu ao longo do ano. Fonte: ProjetEE

18 A 19 IMAGEM. Vista de topo.

Google Earth

18 A 19 IMAGEM. Acervo pessoal



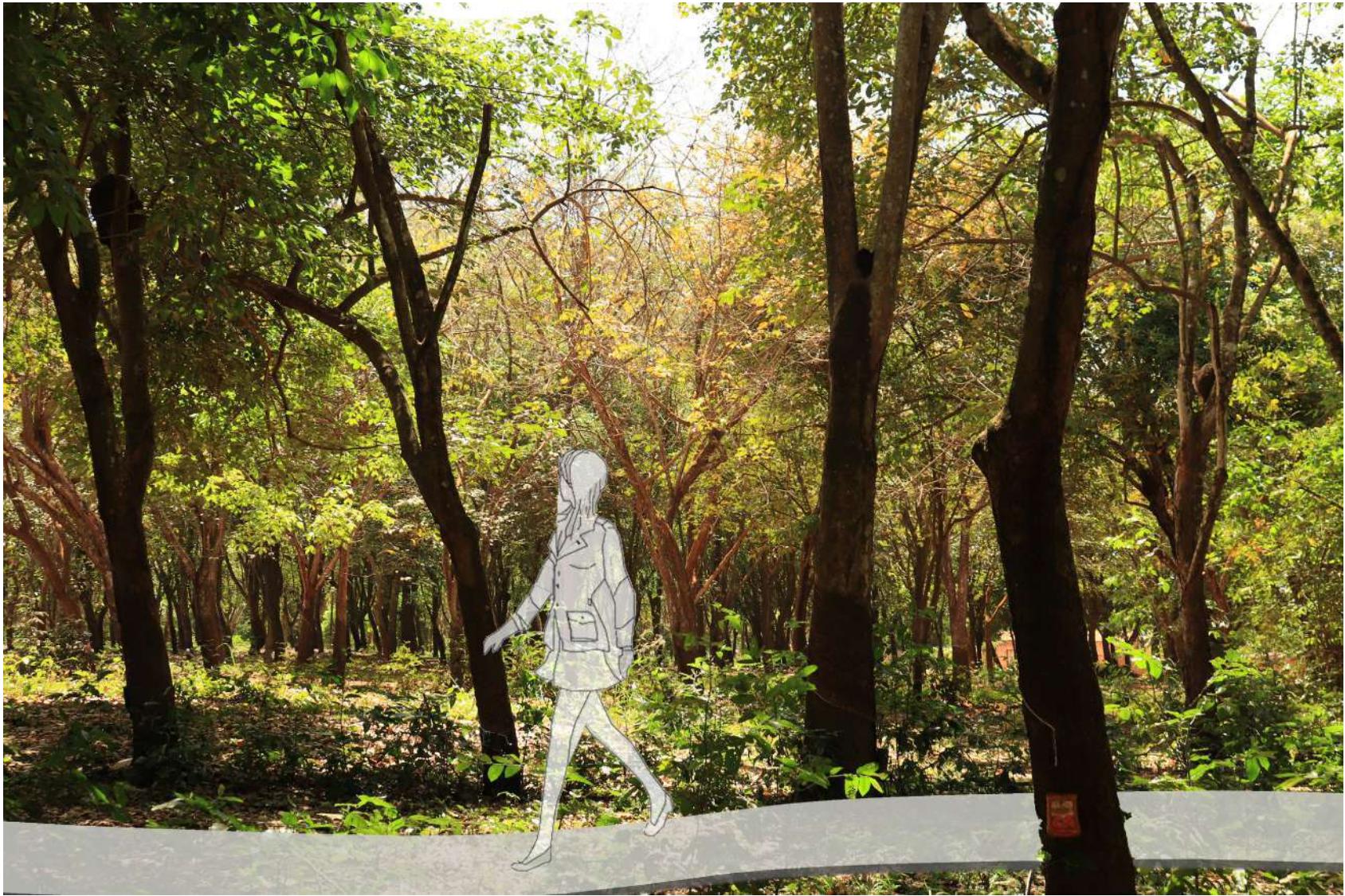
22. Foto com desenho Seringal
Acervo Particular

Um desenho que me acompanhou ao visitar a área, foi a altura das árvores. Senti muita vontade de alcançá-las, enxergar entre suas copas. Esse desejo de elevação era tanto no aspecto físico quanto material, de chegar no mesmo nível que as copas. Mas também representava um desejo simbólico, de permitir uma visão para além do chão, do palpável e do físico. Proporcionar a estes cidadãos vislumbrar para além da própria realidade.

INTENÇÕES E PROCESSO PROJETUAL

23. Foto com desenho entrada Seringal
Acervo Particular





Foi possível observar vários caminhos demarcados pelos passos dos habitantes. Estes caminhos revelam o traçado e percursos das pessoas do lugar. Assim, foi feito o mapeamento de todos esses percursos, de forma a valorizá-los e utilizá-los na proposição do projeto.

- 24.** Foto com desenho; caminhos
25. Chegada num campinho
26. Percursos
Acervo Particular



O arquiteto deverá ser também, e sobretudo, o projetista da casa do homem, e até mesmo o mentor que, em certo momento, poderia se tornar um autor da rebeldia contra a “ prisão ”, e perceber que inconscientemente vão reduzindo a vida humana a uma aventura sem fantasia, alheia à natureza, num divórcio que não pode ser normal, que contradiz as necessidades orgânicas, tendo para uma arrogância suspeita, como que num desafio às origens das quais não podemos nos esquecer.

(Bo Bardi apud. Ferraz, p. 120, 2018)





27

No processo de descobrir essa área, reconheci registros demarcados por terras da apropriação das pessoas neste lugar. O problema é que a região se limitou a isto: local de passagem. Então, vi também uma potência a ser explorada, propor o contrário ao que normalmente faziam ali. Criei em mim a intenção de espaços de permanência dentro do interior do Seringal. De forma a romper com o preconceito de habitar a mata, trazer um novo olhar para aquela paisagem, um lugar de apreciação, de uso.

Dessa forma, minha intenção com esses espaços vazios era criar lugares que pudessem abrigar imediatamente a população. Como há vários trechos dessa forma, eles podem tanto abraçar um projeto paisagístico posteriormente, ou haver a reposição das seringueiras.

As árvores, no sentido longitudinal da área, são distantes 15 metros. Entre elas, há uma distância mais variada, podendo ocorrer entre 3 e 7 metros. Dessa forma, nos trechos que há uma falha da sequência de árvores, seja por retiradas ou queda natural, forma uma clareia bem aberta.

Cataloguei clareiras que chegavam a 30mx15m livres, variando entre espaços mais ou menos abertos.



29

27 a 29. Foto de espaços aberto no bosque
Acervo Particular





Nas sedes das grandes invernadas começam a surgir, todavia, casas de madeira beneficiada, com ripas nos interstícios, teto de quatro águas, cobertura de telha. São construídas sobre estacas, assoalhadas; varandas cercam as dependências das habitações. As casas de alvenaria são raras.

(VALVERDE & DIAS, 1967, p. 131)

30 e 31. Casas no entorno do Seringal Celular particular

MATERIALIDADE E LOCAL

A materialidade local foi um dos motores para que o edifício final fosse como ele é hoje. As primeiras casas que aportaram na região eram feitas com tabuas de madeira. Com a ascensão econômica, pouco a pouco as casas listradas de marrom foram sendo substituídas pelo muros de alvenaria.

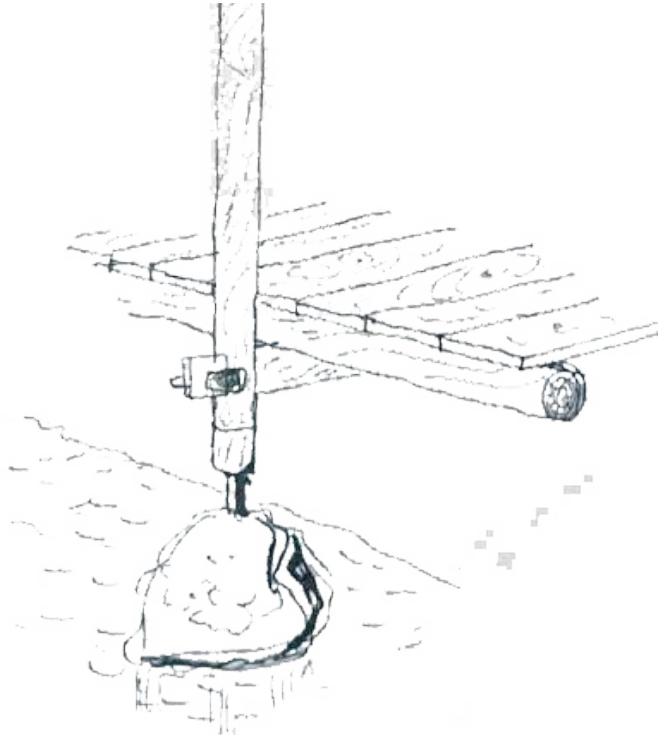
Dessa forma, a cidade é marcada pela antítese dos território cinzas e os marrons. A região do Seringal, muito por ter se formado a partir de uma ocupação, ainda mantém algumas das casas de madeira da cidade - não se trata de uma exceção. Essa materialidade das tabuas e das ripas foi reaproveitada no projeto, de forma a lan-

çar-lhes um novo olhar. Uma forma mais contemporânea para uma técnica simples e comum.

As construções de alvenaria também foram acopladas ao projeto, de forma que não fosse feito sob apenas uma técnica. Apesar da intensa atividade madeireira na região, a técnica de madeira não foi grandemente aprofundada não havendo, então, uma técnica local própria ou expressiva.

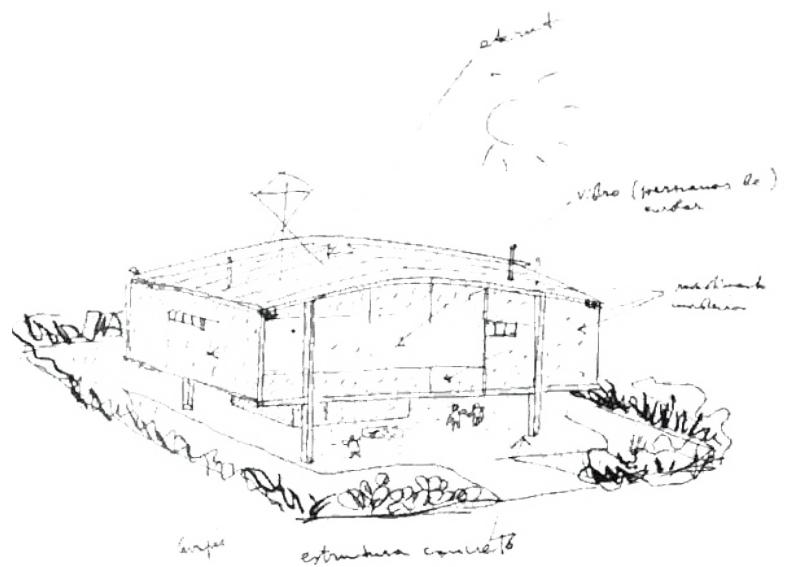
Assim, a alvenaria tradicional e as construções simples de madeira foram a base para o pensamento projetual desse projeto. Do simples e do banal.





CASA DE PRAIA, Lina Bo Bardi 1957

O tratamento do térreo livre, com apenas utilitários como banheiro e lavadeira. Relação da construção com o entorno.

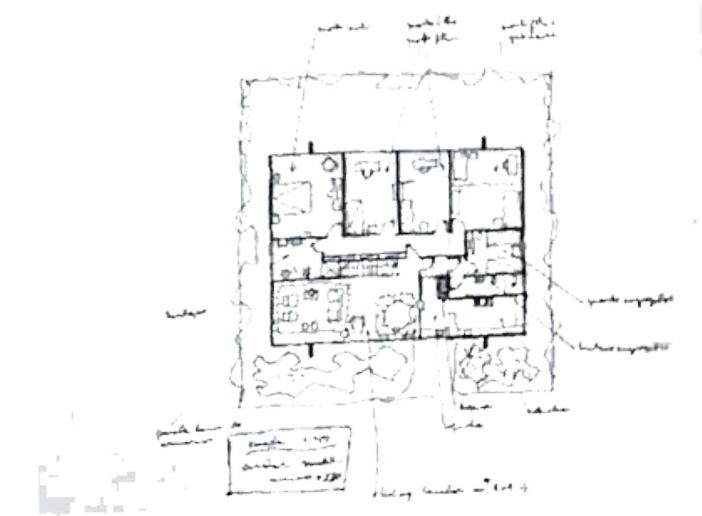
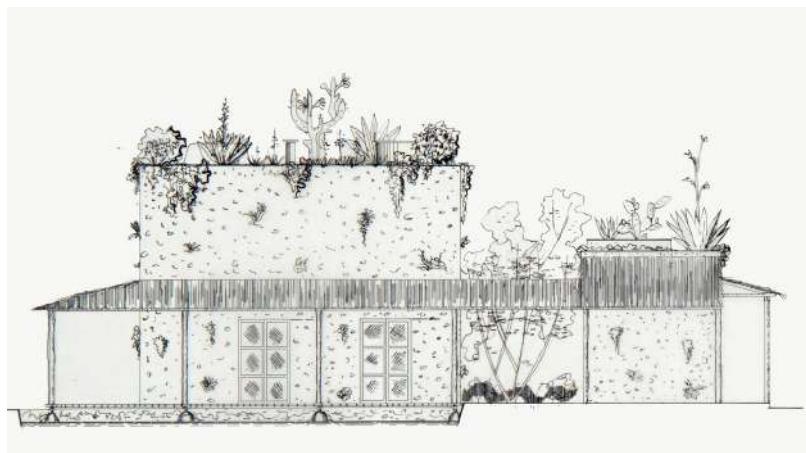


CASA VALERIA CIRELLI, Lina Bo Bardi 1958.

De forma geral, o trabalho da arquiteta foi uma inspiração durante todo o trabalho, pois ela sintetizava a cultura brasileira ao mundo e ao próprio país, unindo arquitetura, política e cultura popular. Esta casa foi bastante impactante pela qualidade material do lugar, o uso do telhado com "saia" da casa, rodando o espaço.

1. Detalhe do apoio dos pilares

2. Desenho fachada Casa Valéria P. Cirelli



3. Perspectiva Casa de Praia

4. Planta do nível da praia

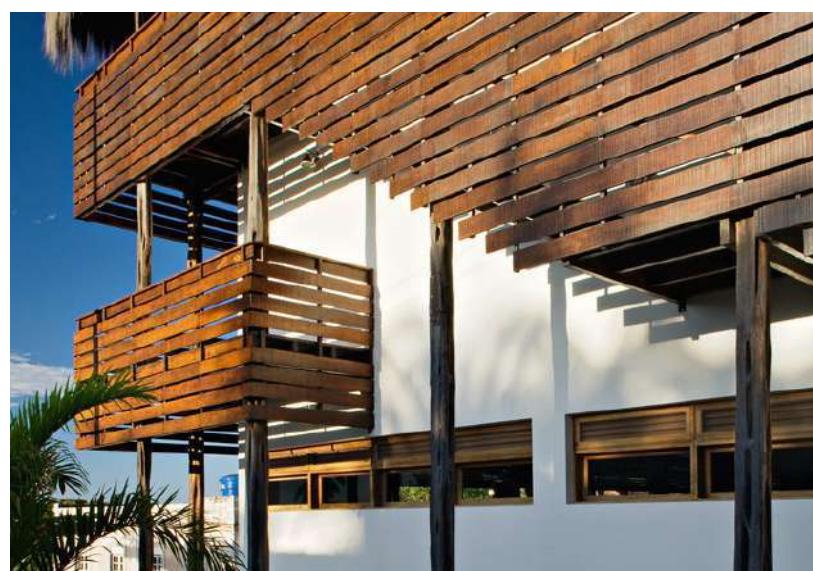
REFERENCIAS ARQUITETÔNICAS

ISA, Brasil Arquitetura, 2006.

Na continuação do pensamento projetual que Lina Bo tinha, o escritório do Brasil Arquitetura também foi uma grande fonte de referências durante o projeto. Projetos que respeitam a localidade, o tratamento com as materialidades. Mas, o projeto de referência que mais se destacou foi o ISA - Instituto Socioambiental em São Gabriel da Cachoeira, AM. O trabalho valoriza a interface entre madeira e alvenaria, além de valorizar a arquitetura local.



Fotografia: Daniel Ducci



ASILO SANT'ELIA, Giuseppe Terragni, 1936.

Este projeto foi bastante importante no aspecto formal, e nas aberturas e janelas. Esta mesma tipologia em evidência, dos pilares e vigas externos à construção, com toldo retrátil

Fonte: livro Giuseppe terraign per i bambini: l'asilo sant'Elia, 2018



PROJETO

Diretrizes Gerais: Parque Ecológico do Seringal





[1]. CASAS DE LEITURA

Como o Seringal já apresenta áreas com clareias, serão colocados pequenos equipamentos denominados “casinhas de leitura” para apropriação e apreciação da paisagem, enquanto desfruta de uma bela leitura. Há também mesas e espaços para jogos de tabuleiros em pequenos grupos. Assim, seria uma forma passiva de ocupar o espaço sem gerar mais desmatamento, valorizando o bem imaterial que faz parte da história do estado: as seringueiras.

[2]. PERCURSOS

Os caminhos pré-existentes e os propostos serão modelados com piso intertravado e alocação de postes de luz. Dessa forma, haverá sempre um percurso resistentes às chuvas, que permita cruzar o seringal em segurança e que integre os equipamentos propostos.

[3]. BIBLIOTECA E OBSERVATÓRIO

Buscando sanar uma necessidade da cidade em relação à educação, será implantada uma biblioteca em um trecho de abertura do Seringal. Além do acervo de livros e da disponibilidade de computadores, o edifício proporcionará uma experiência com as árvores: pelos vários pisos e pontos de vista; por meio da circulação vertical; com o terraço, que também abrigará aulas noturnas de astronomia, valorizando também a bela noite estrelada do interior.

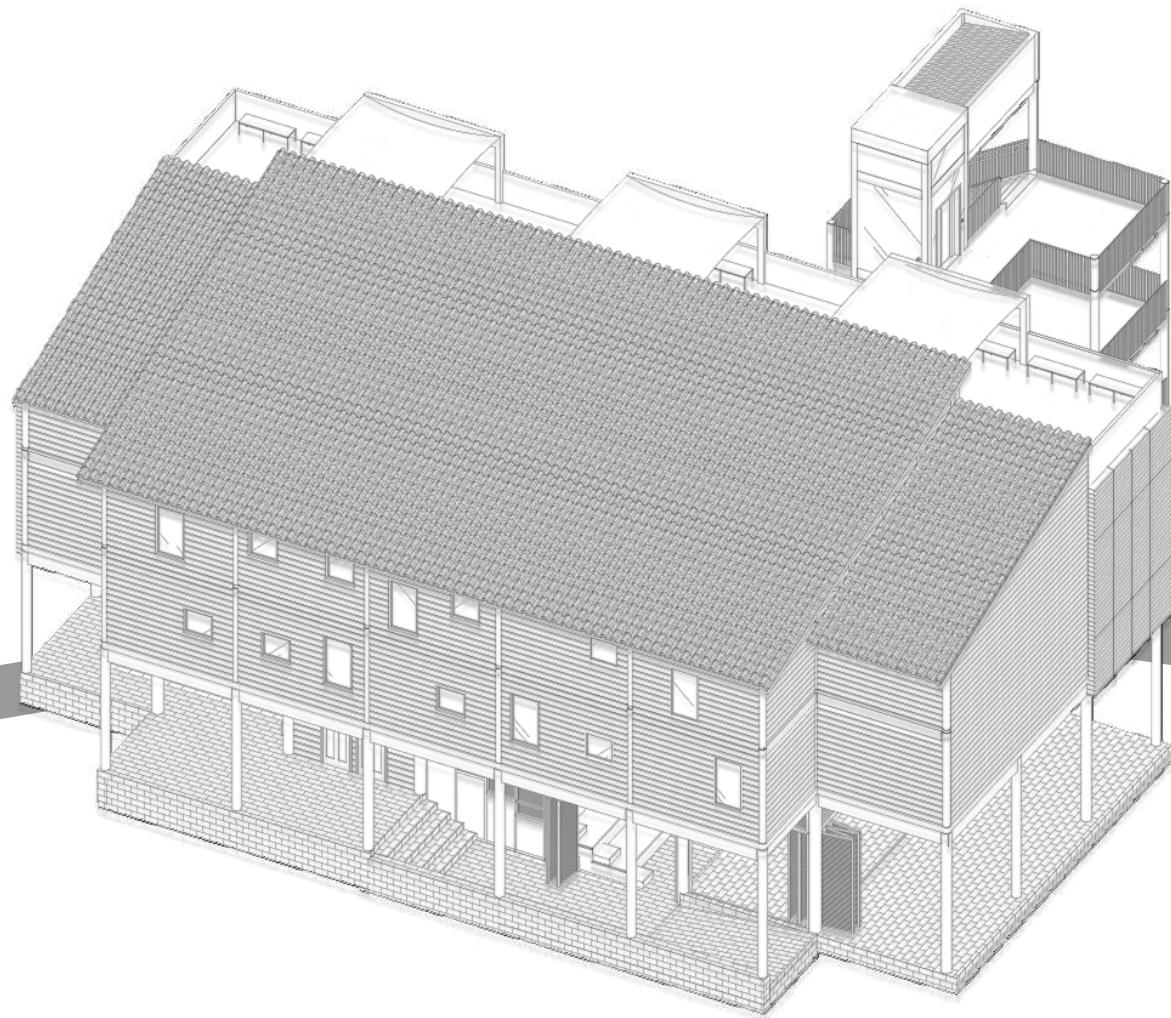
[4]. ESPAÇOS DE EXPANSÃO

Nas perimetrais do Seringal, há outros espaços já abertos. Há duas possibilidades para esses espaços: plantio ou novos equipamentos. Um possível expansão da biblioteca ou área de esportes urbanos são possibilidades.



MAPA 8. Mapa projetual das diretrizes do parque ecológico

PROGRAMA



Biblioteca

Mais que uma biblioteca, este projeto busca permitir fomentar novos usos na cidade; trazer acesso à informação; proporcionar educação ambiental por meio da paisagem; compor a identidade local.

Atualmente não existem bibliotecas municipais, nem tão poucos as escolas conseguem manter as que têm. Além disso, a maioria das famílias que recebem em média até 1,6 salários mínimos, dados IBGE 2019, possivelmente não tem meios para ter computadores ou sequer internet banda-larga em casa. Assim, este projeto se faz necessário no contexto da cidade.

Começando pelo térreo, o transeunte vislumbra um edifício com metade da sua fachada principal em madeira, associada a uma lateral concretada com um elemento de semi-permeabilidade também em madeira: os brises da fachada.

O piso térreo é feito em blocos de concreto, para que se associe a experiência de rua. Projetado com pé direito duplo, possibilita uma visão ampla do entorno, e qualifica o espaço de palestras e conversas. Além disso, o piso acompanha o desnível do terreno, que possui uma variação de 1 metro entre frente e fundo, possibilitando também o rebaixamento do anfiteatro. Este, mesmo que se configure como sala, tem as portas camarão venezia-

na, de forma que fique aberto na maior parte dos dias. O anfiteatro comporta 60 alunos, mais ou menos duas salas de aula pela média da região. O espaço livre comporta as mais diversas oficinas, que têm suas cadeiras retráteis dispostas pelo térreo. Outros equipamentos estão disponíveis na sala técnica que serve também para armazenamento e guarda o projetor do anfiteatro aberto.

Subimos por um núcleo de circulação vertical, distanciado do prédio para que se possa experientar em diferentes níveis o contato com as árvores.

No primeiro pavimento, acessamos por uma recepção. Por meio dela é possível alugar livros, tablets, ou emprestar notebook para utilizar dentro do espaço - e, com os equipamentos portáveis, levá-los até as casinhas de leitura. Há um armário de guarda-volumes para quem precisa.

Dentro do espaço, as funções são corriqueiras: informática e acervo dentro do vão de madeira; sala de estudo, área técnica e banheiros na lateral de alvenaria. Espaços livres associados às janelas.

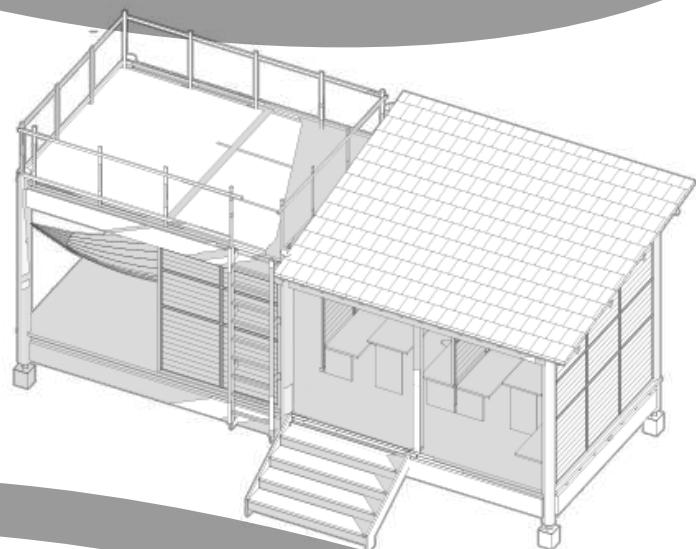
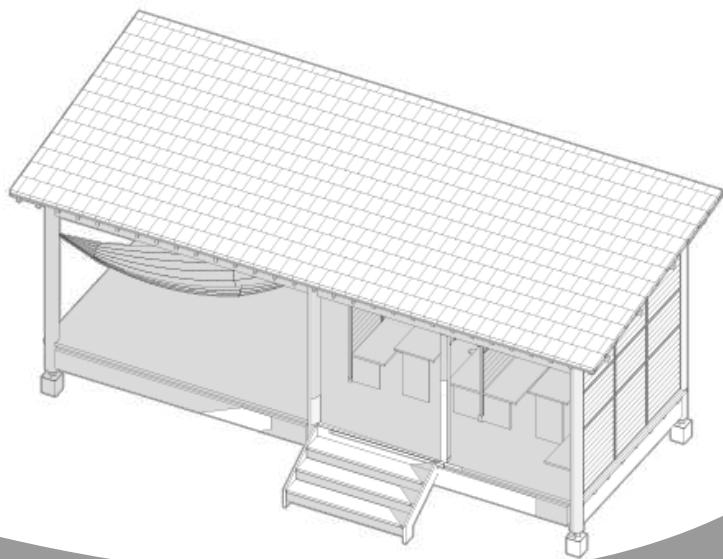
No 2º pavimento, a lógica permanece. Entramos por uma mesa longa para discussões em grupos. Na lateral, além do banheiro, temos uma pequena copa, uma dispensa e uma sala de reuniões para uso dos funcionários. Na lateral, um mezanino conforma um espaço livre de leitura e reunião em grupo. Ele rodeia o acervo, conectando a entrada do 2º pavimento aos fundos da biblioteca.

O terceiro pavimento foi pensado como mirante desde o princípio, justificando também a necessidade de verticalizar o equipamento. Este andar foi imaginado como um terraço durante o dia, e um observatório à noite. Dele é possível enxergar a copa da maioria das árvores, e também há janelas que vislumbram o inteiro do edifício pela visão das treliças do telhado.

Dessa forma, o projeto visa fomentar uma mudança de hábitos, por isso se dispõe a sanar as necessidades locais. Uma vez que o projeto seja abraçado pela população e haja demanda, um novo conjunto deve ser feito para expansão do acervo e de salas para comportar cursos e oficinas.

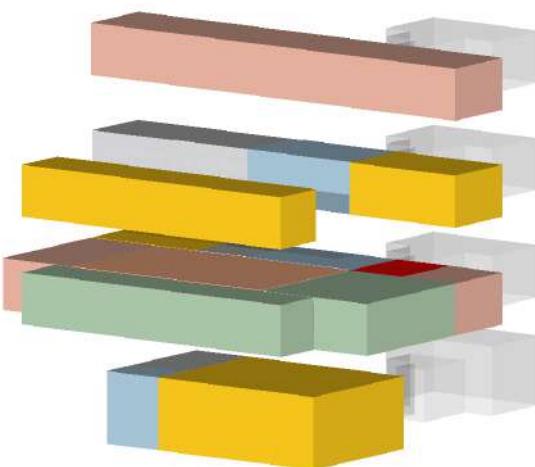
Casinha de leitura

As casinhas de leituras buscam concretizar o desejo de espalhar abrigos de leitura pelo Seringal. Dessa forma, a biblioteca seria a sede e o lugar para pegar empréstimos de livros, tablets, jogos de tabuleiros e as casinhas, seu lugar de destino, visando receber os transeuntes. Esta ação visa estreitar a relação da população com o Seringal, de forma a valorizá-lo e preservá-lo.

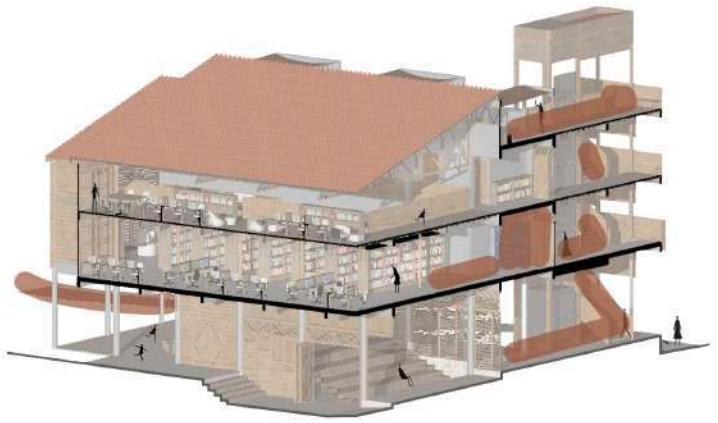


BIBLIOTECA

DIAGRAMA DE USOS



EIXO DE CIRCULAÇÃO: EMPRÉSTIMOS



3°PAV: Mirante e observatório

2°PAV: Área técnica e espaço flexível de estudos.

1°PAV: Acervo, salas de leitura, espaço de informática.

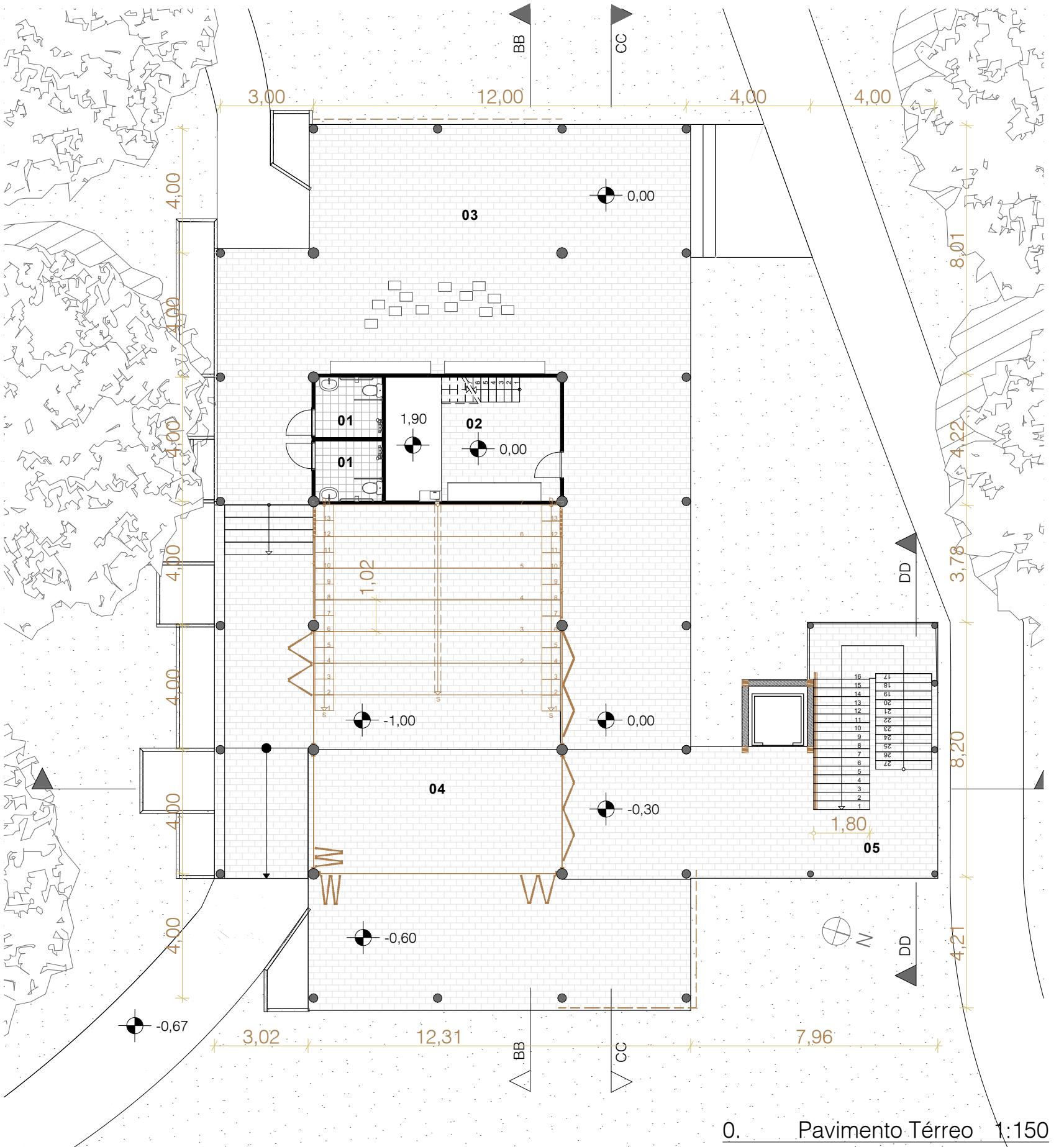
Térreo: Grandes espaços livres e um auditório semi-aberto, com portas em veneziana.

IMPLEMENTAÇÃO



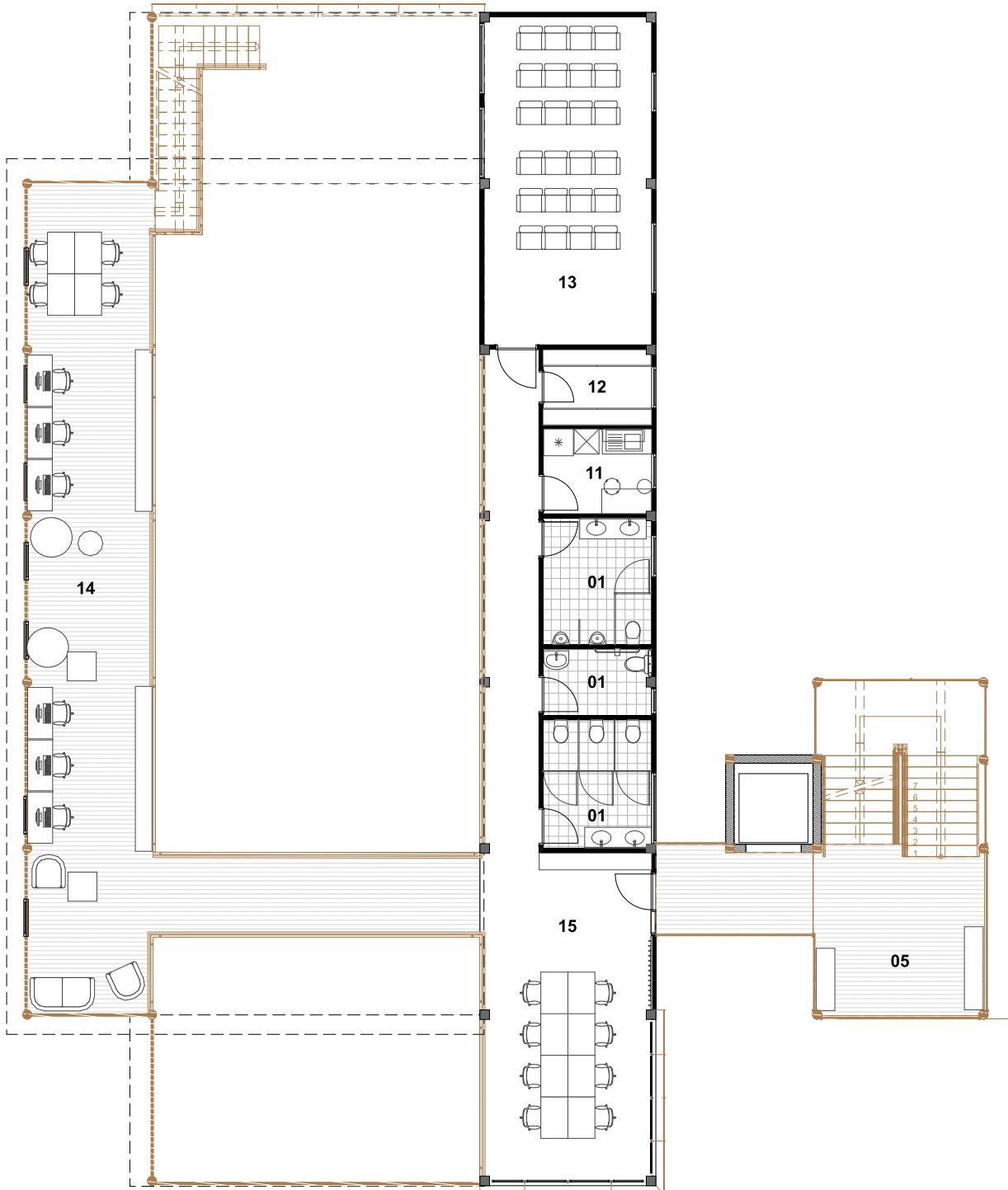


PLANTAS

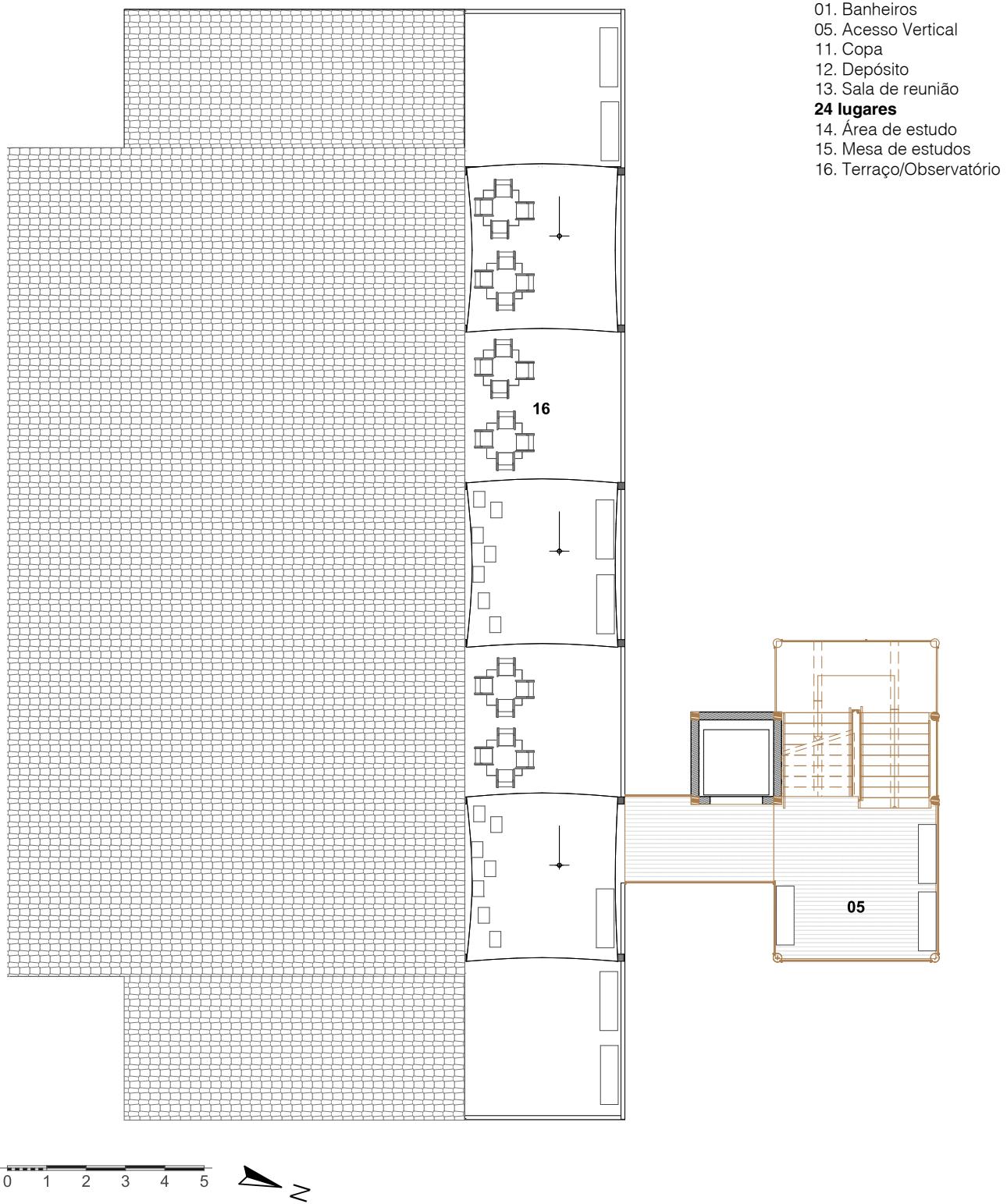




1. Primeiro Pavimento 1:150



2. Segundo Pavimento 1:150

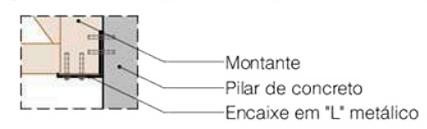


3. Pavimento Cobertura 1:150

D-01 Interface cobertura 1:20



D-02 Apoio treliça 1:20



CORTES



AA

Corte

1:80

3,66 0,45

20,01

12,91

9,50

7,40

4,20

3,40

-0,60

-1,00

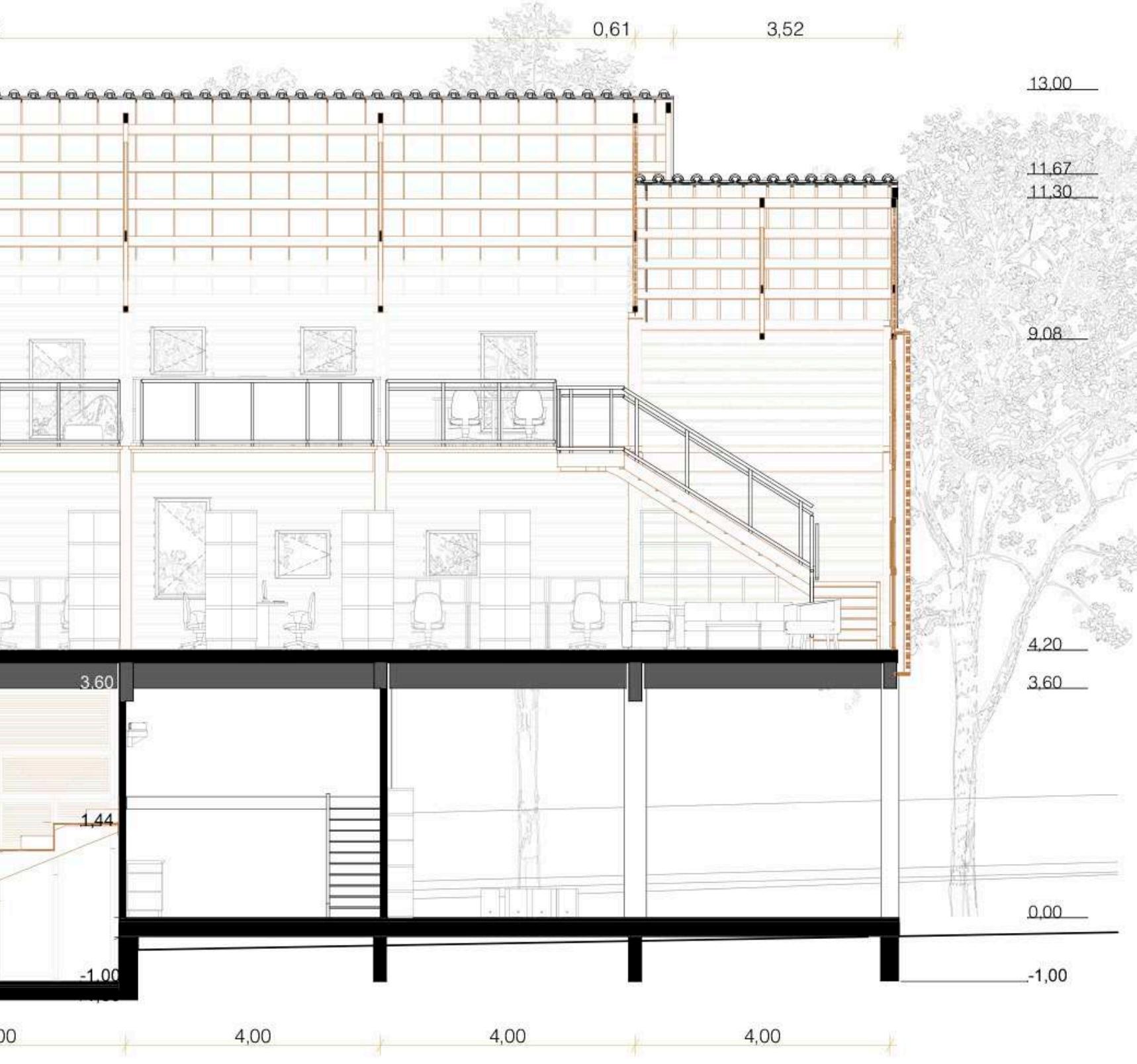
4,00

4,00

4,00

4,00

0 1 2 3 4 5





Corte BB Perspectivado



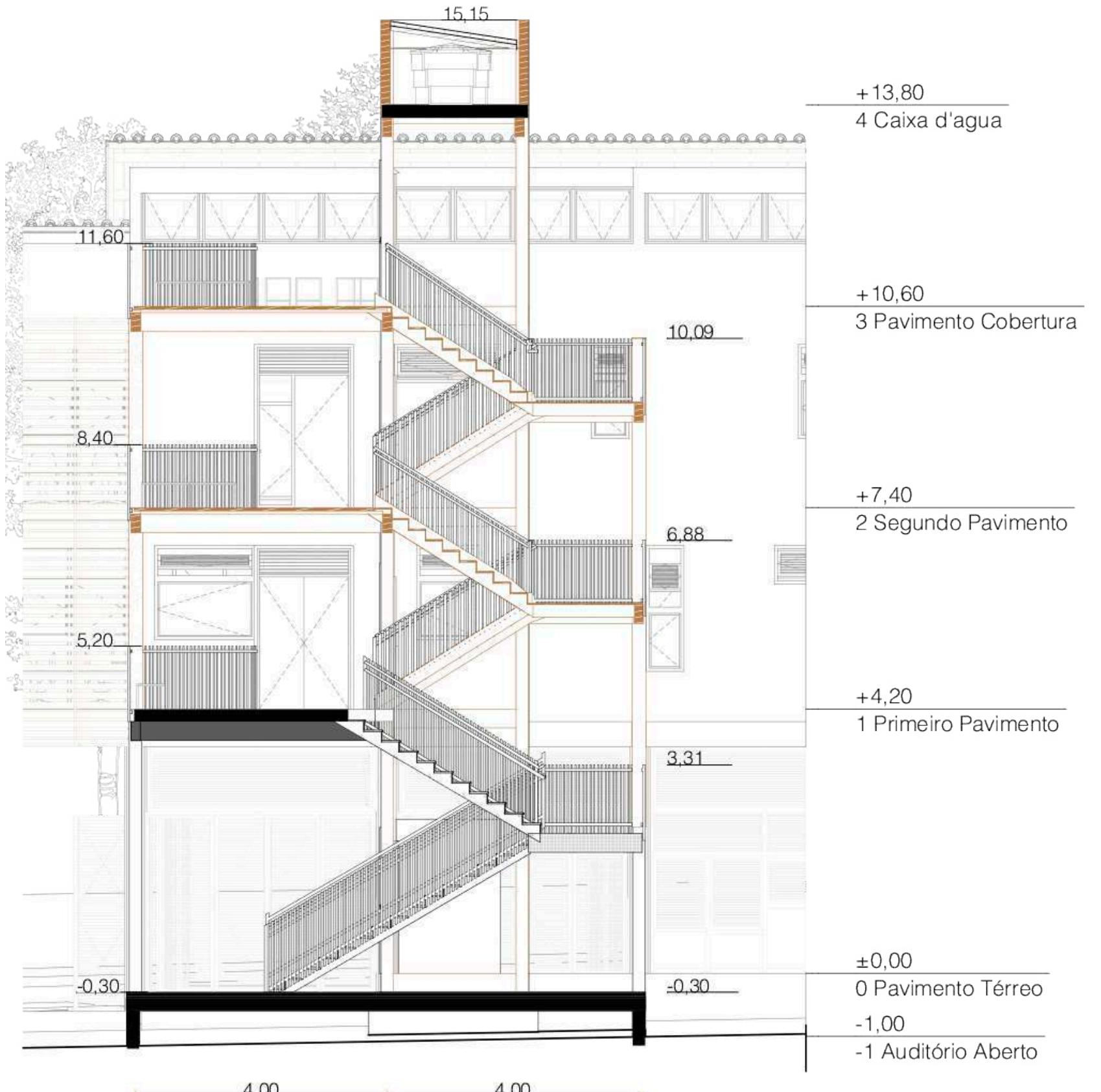




CC

Corte

1:80



ELEVACÕES



Elevação 1 - Frontal, Leste



SEM ESCALA



Elevação 2 - Lateral, Norte



SEM ESCALA



Elevação 1 - Traseira, Oeste



SEM ESCALA



Elevação 3 - Lateral, Sul



SEM ESCALA



Fundo da Frente



Vista e



Vista do Fundo

de frente

32 a 34. Fotos do local de intervenção
Celular particular

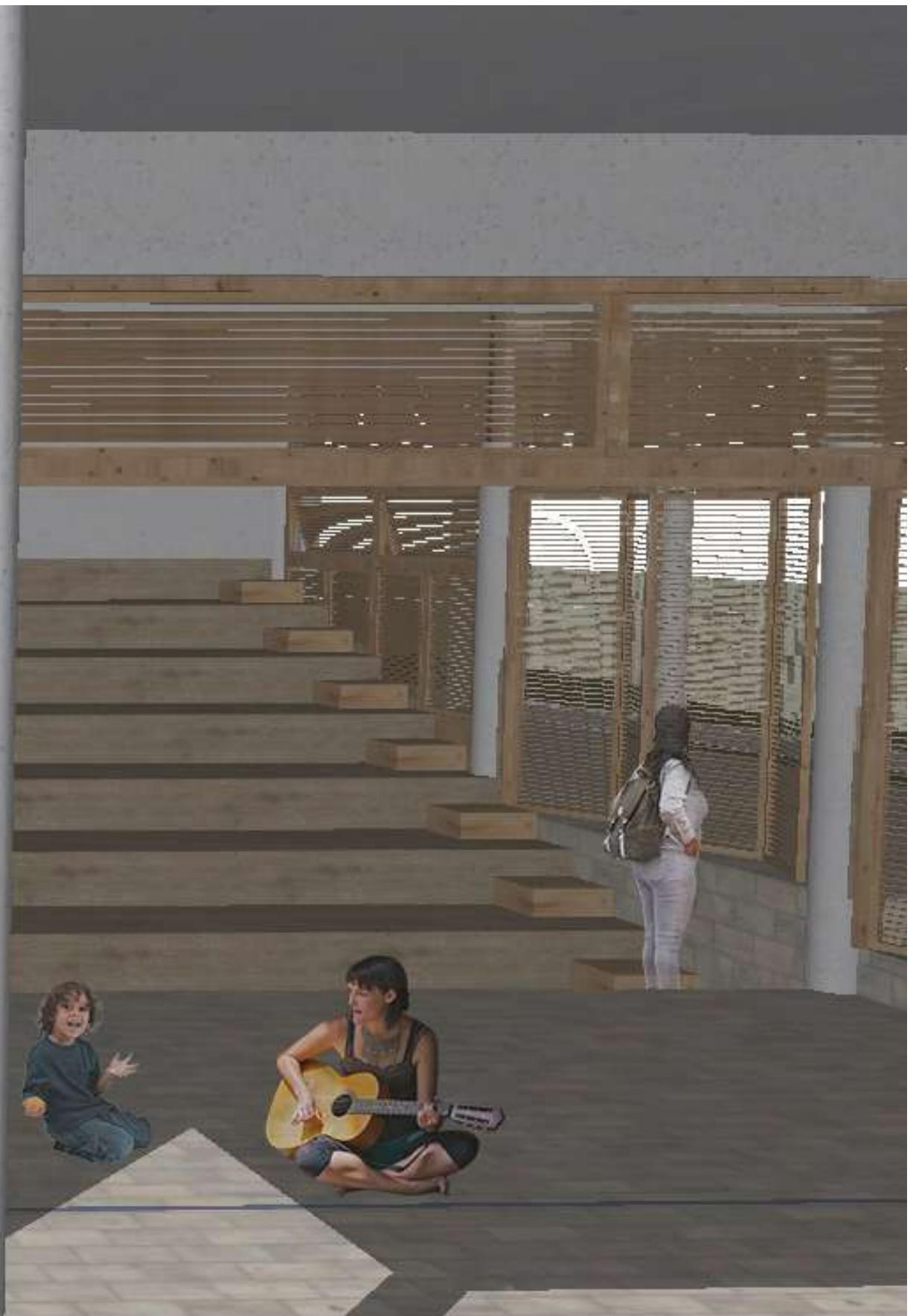




PERSPECTIVAS

Piso térreo, jardim de chuva





Vista da escada, 3º pavimento, meio piso







2º PAV - ENTRADA DO MEZANINO

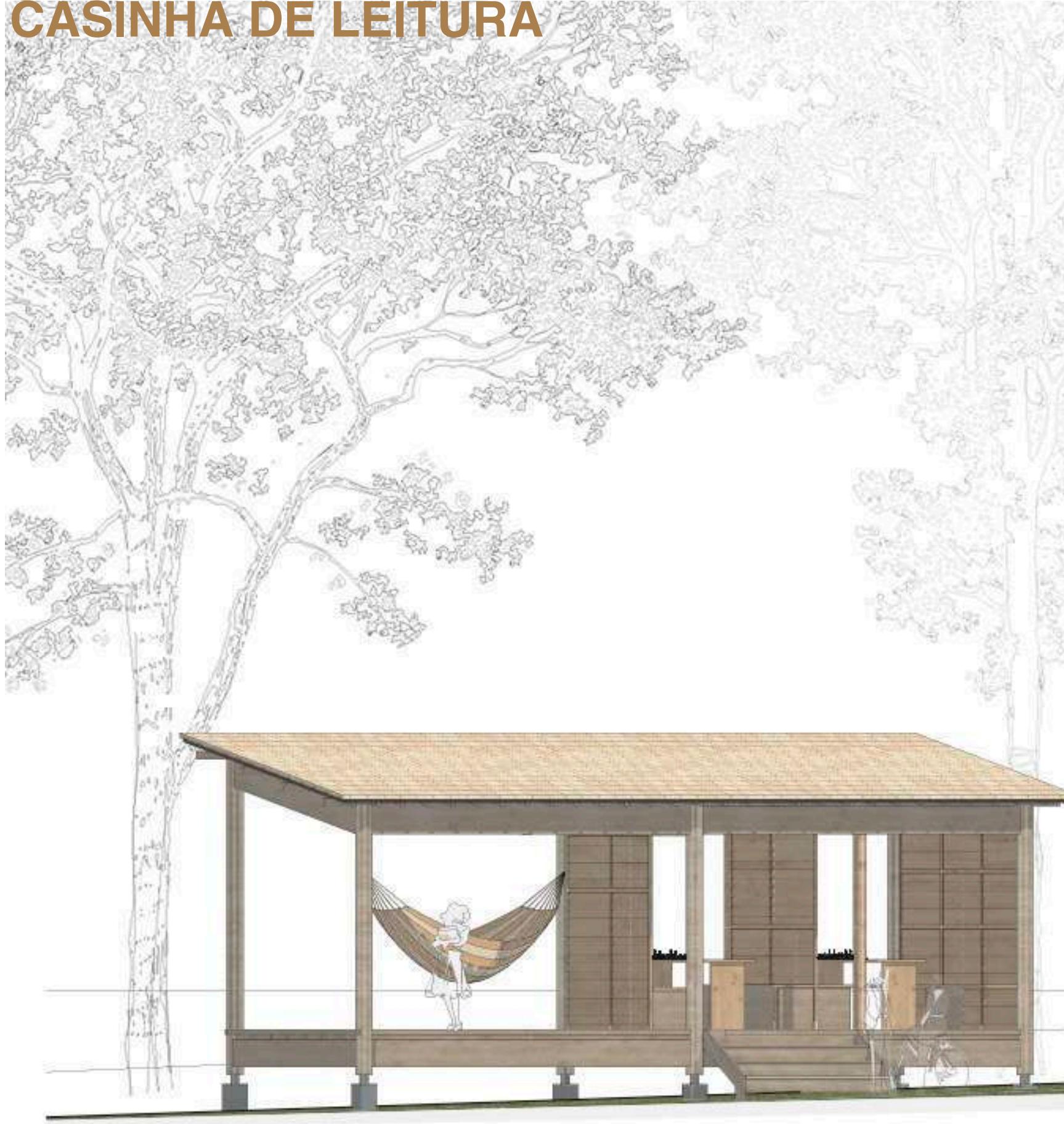




3º PAV - JANELAS DO CORREDOR

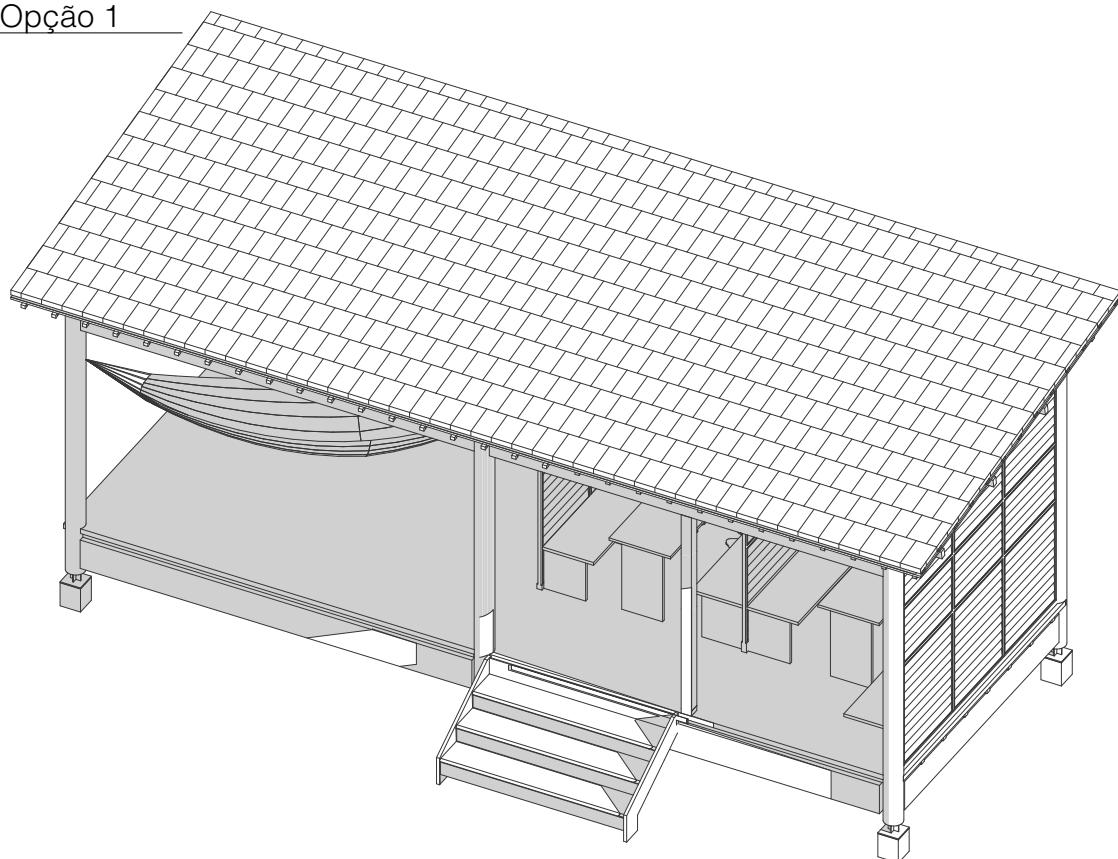


CASINHA DE LEITURA

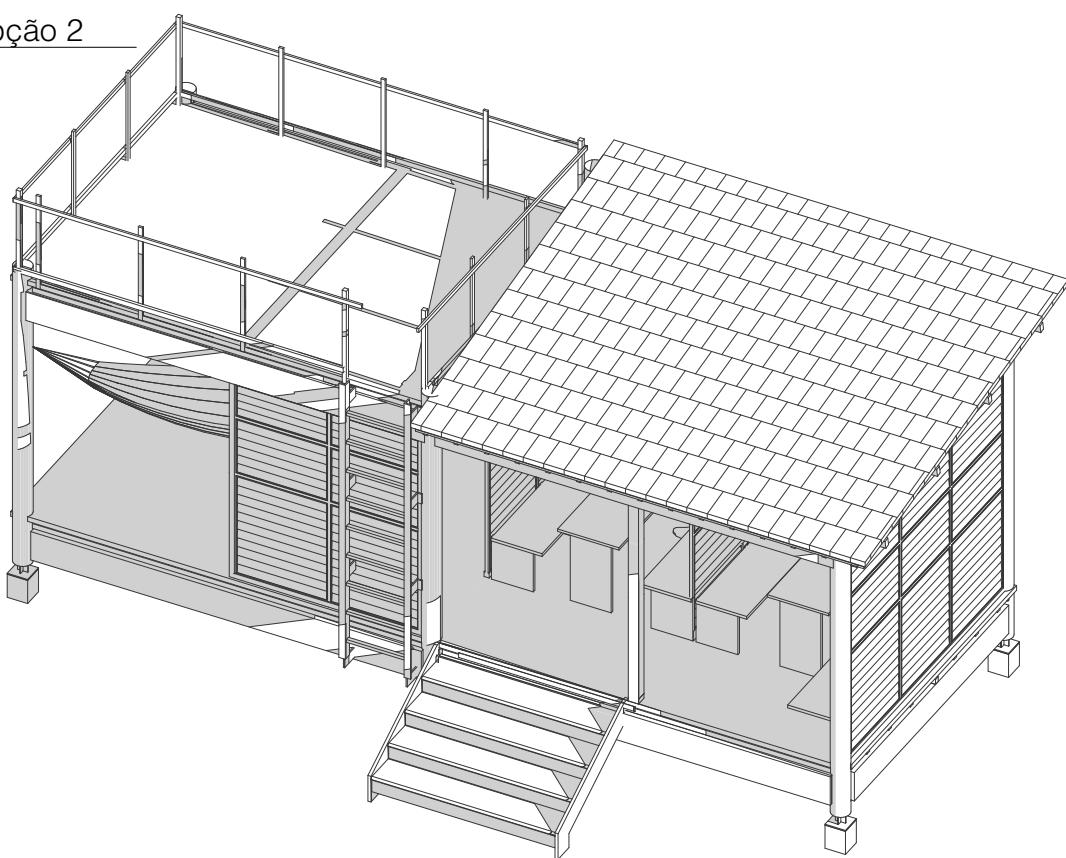




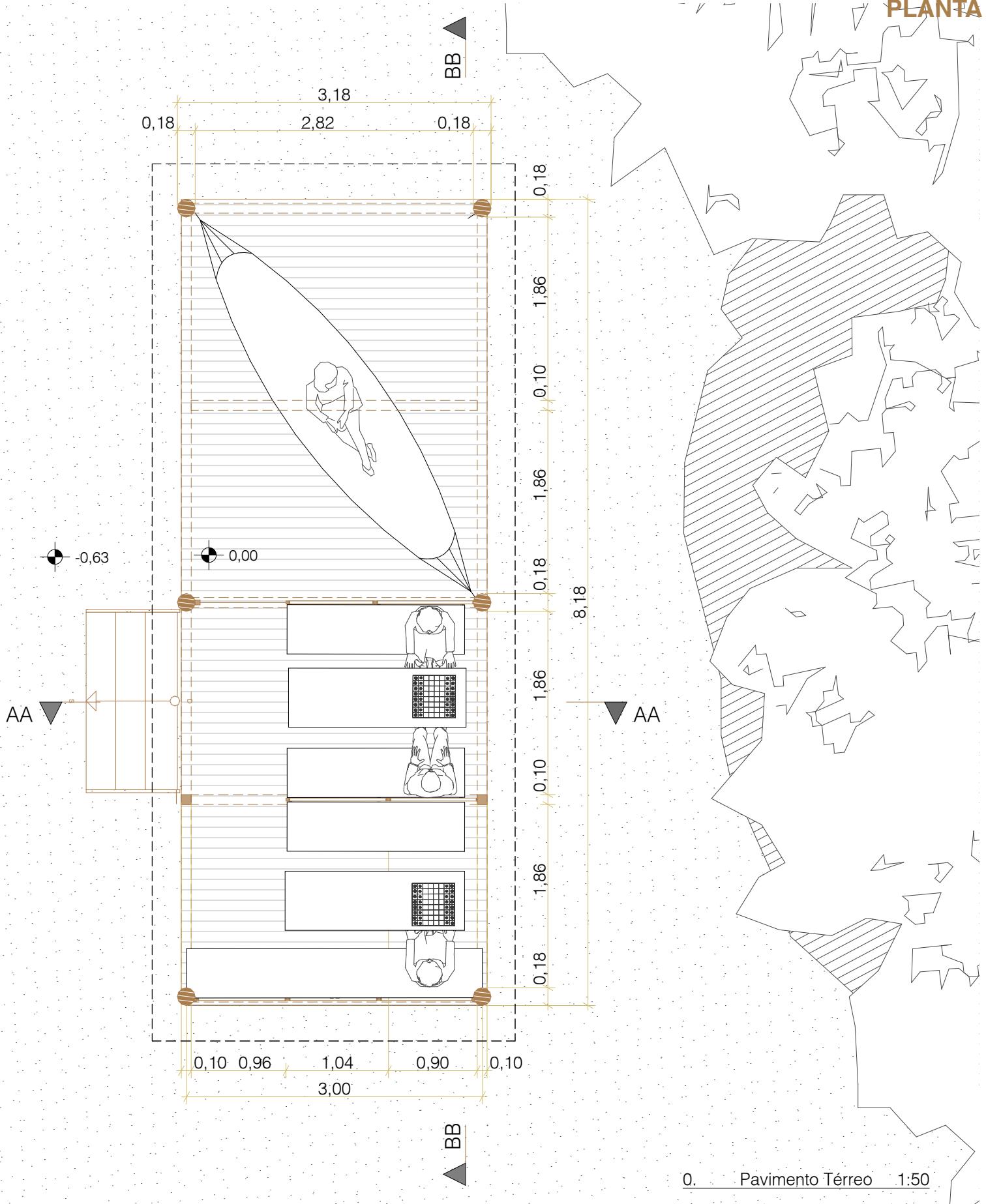
Perspectiva - Opção 1

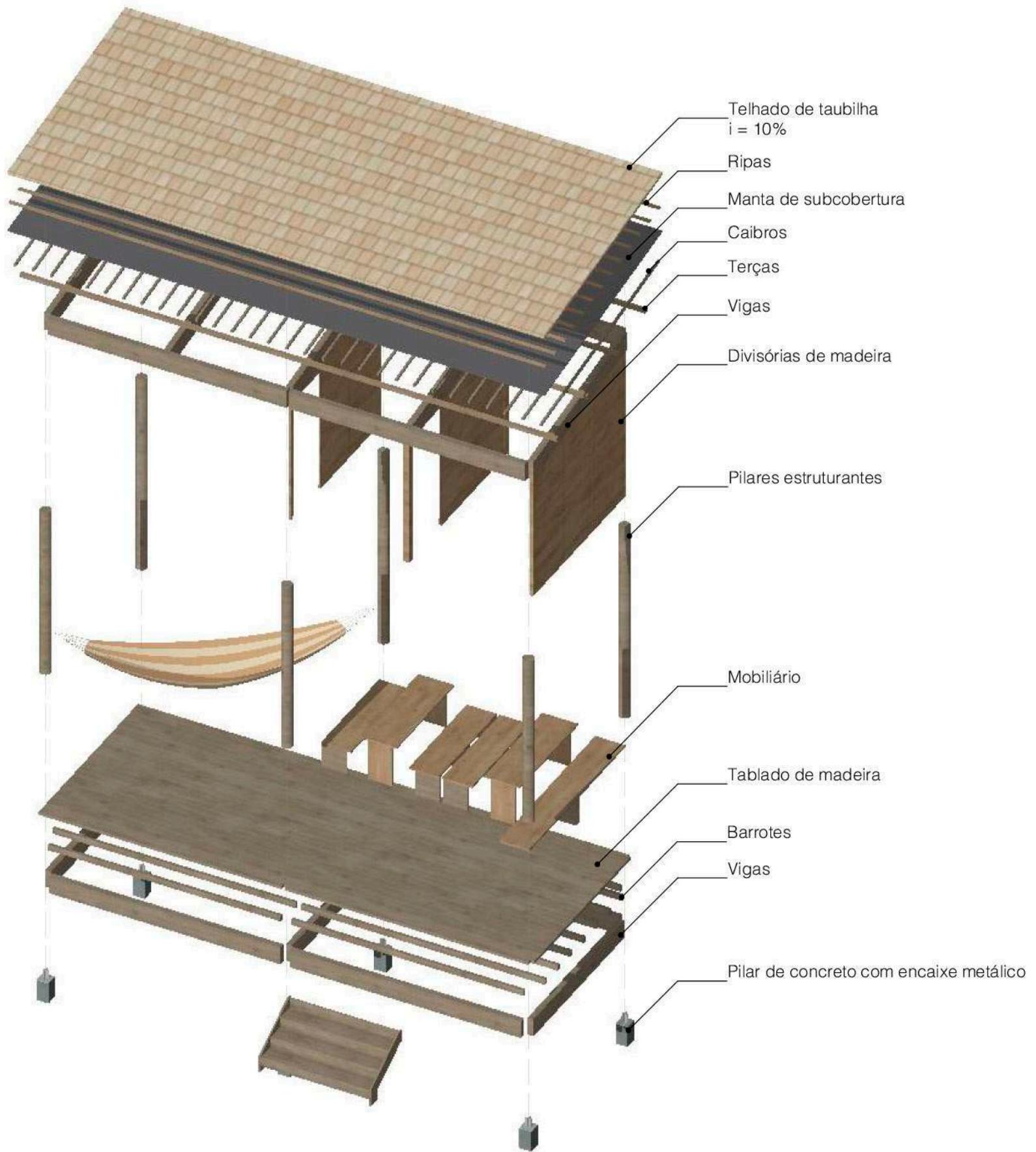


Perspectiva - Opção 2



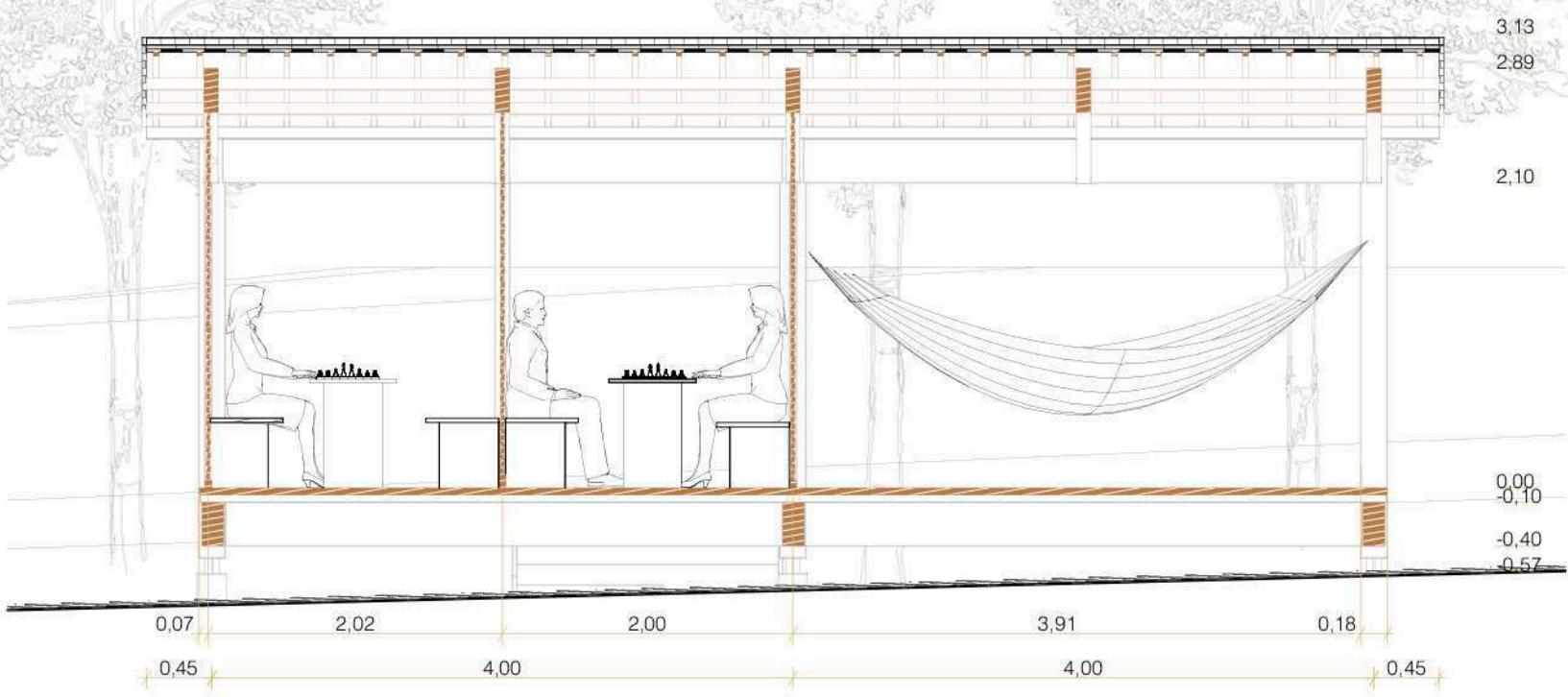
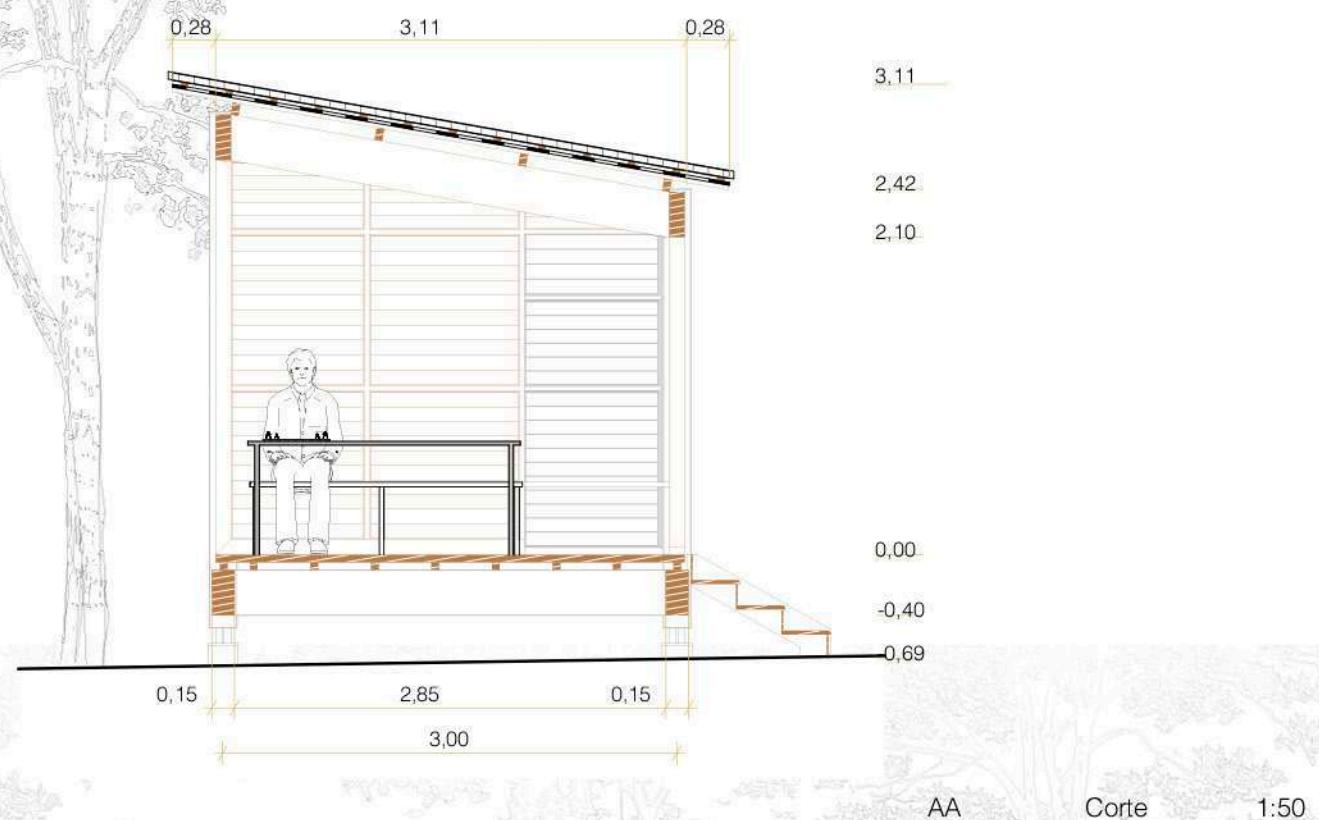
PLANTA



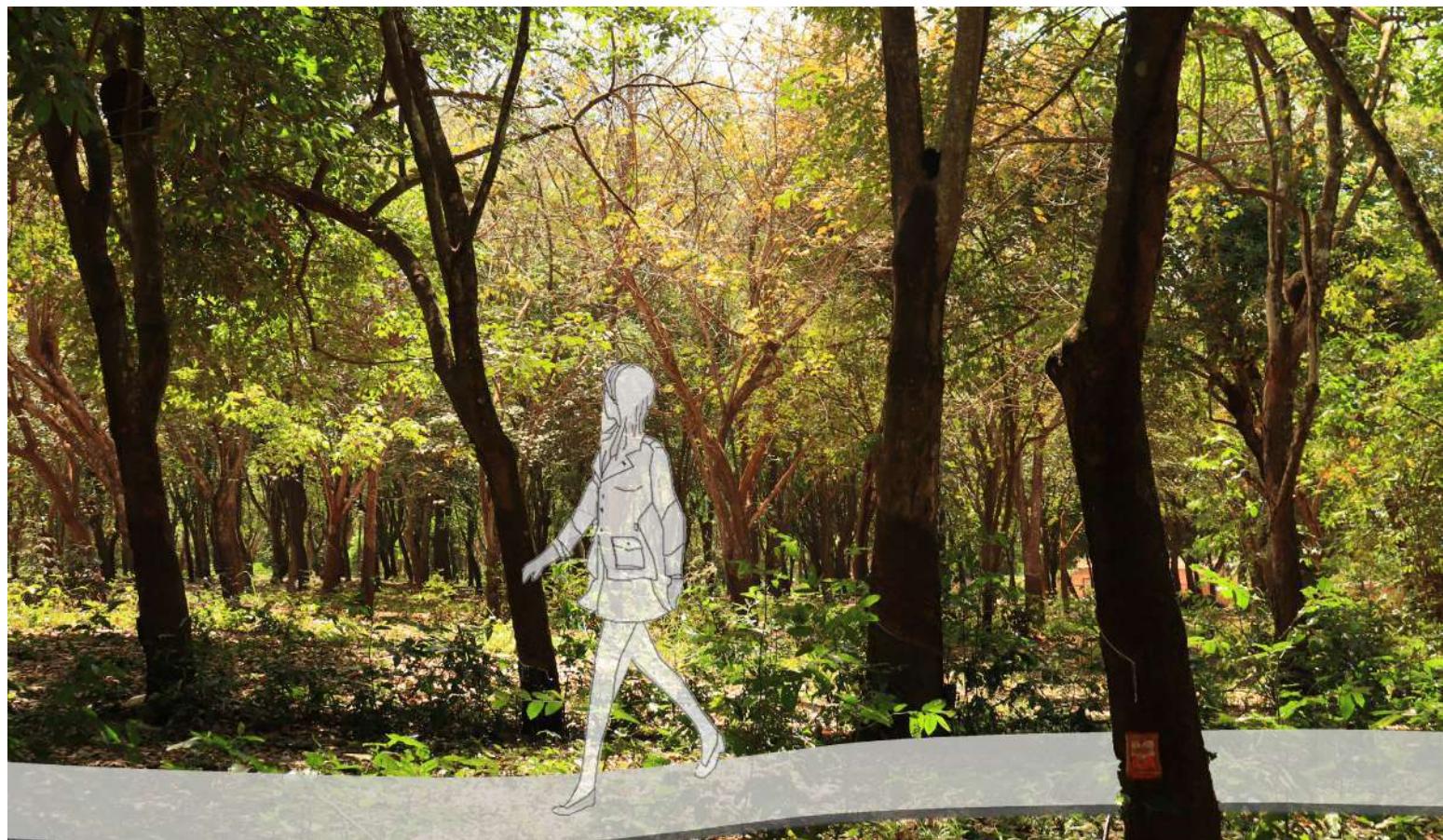
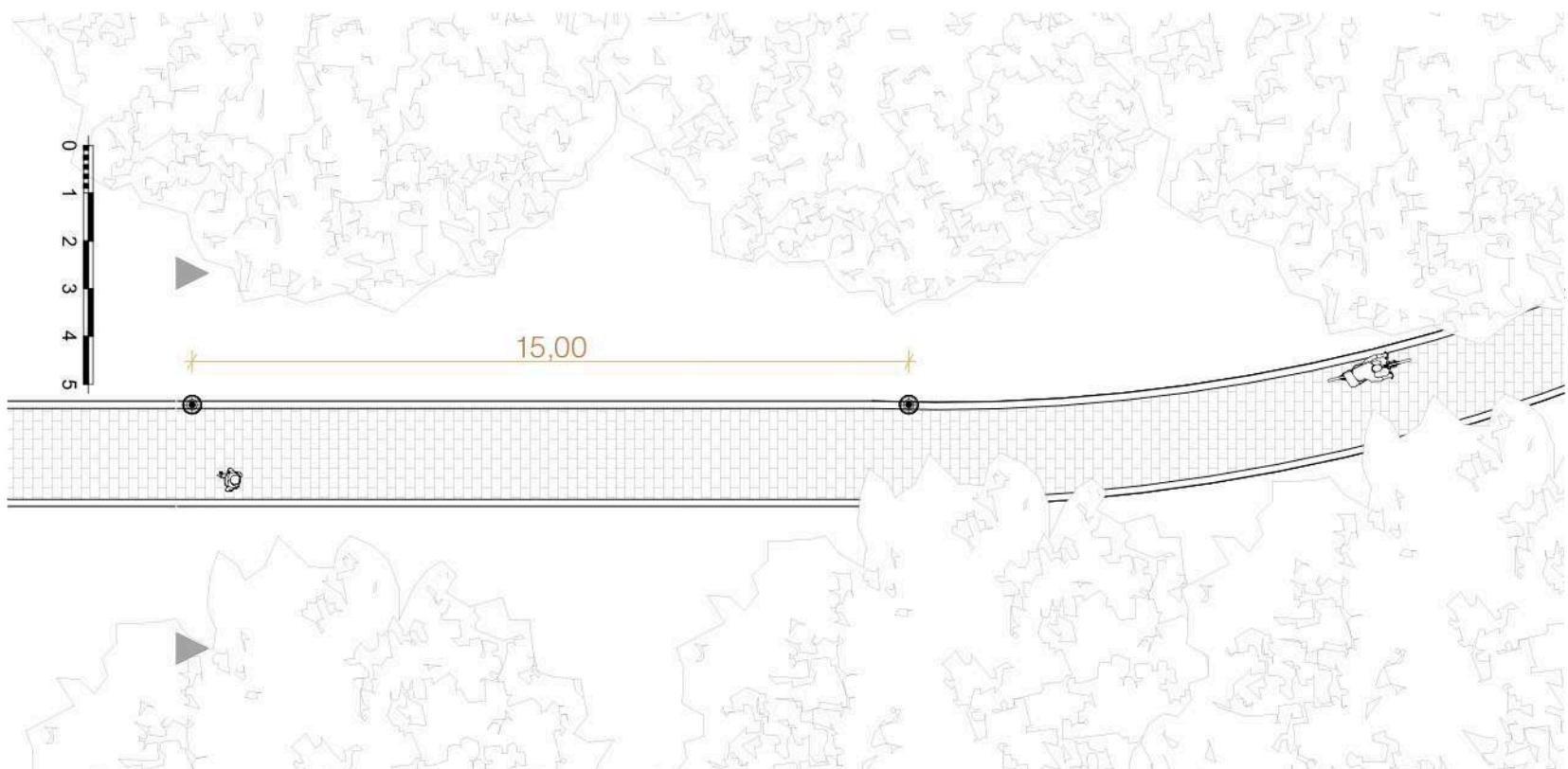


Explodida estrutural

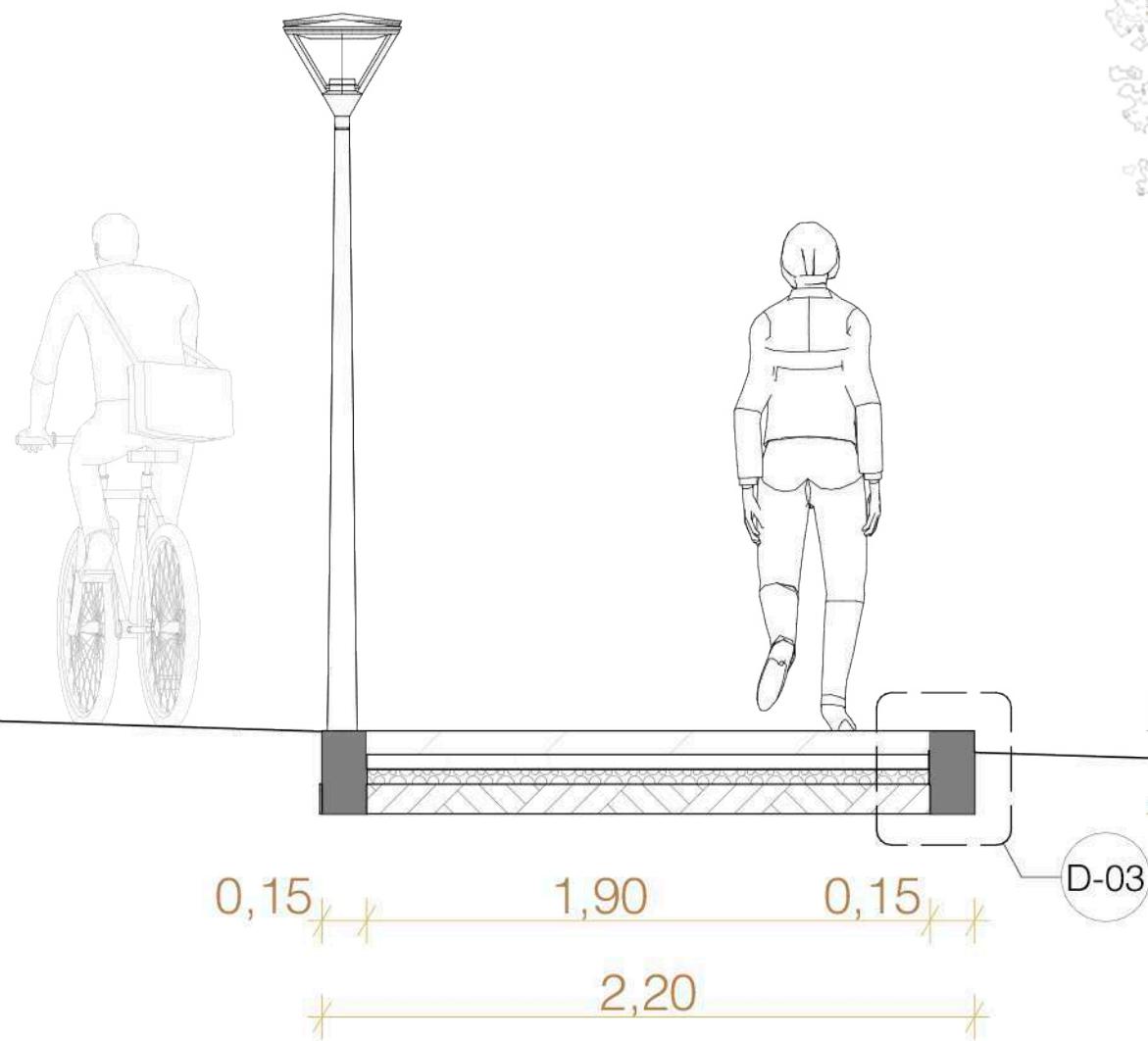
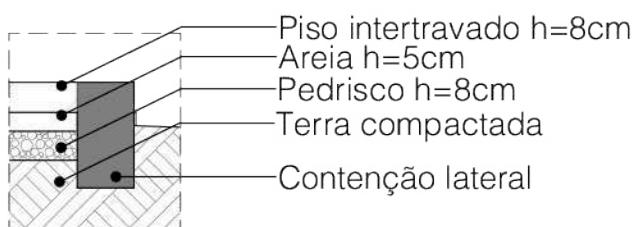
CORTES



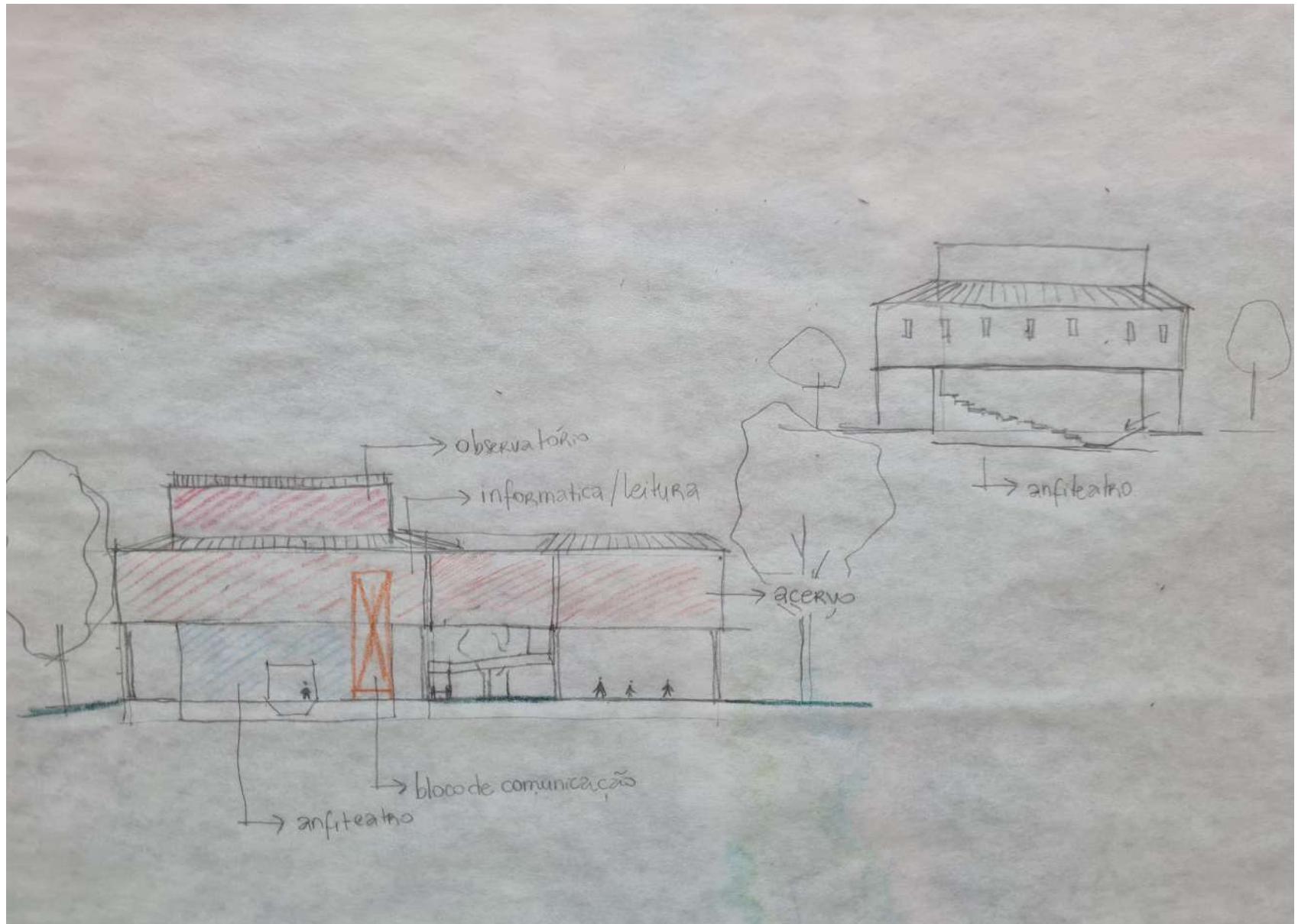
CAMINHOS



D-03 Det. 1:20

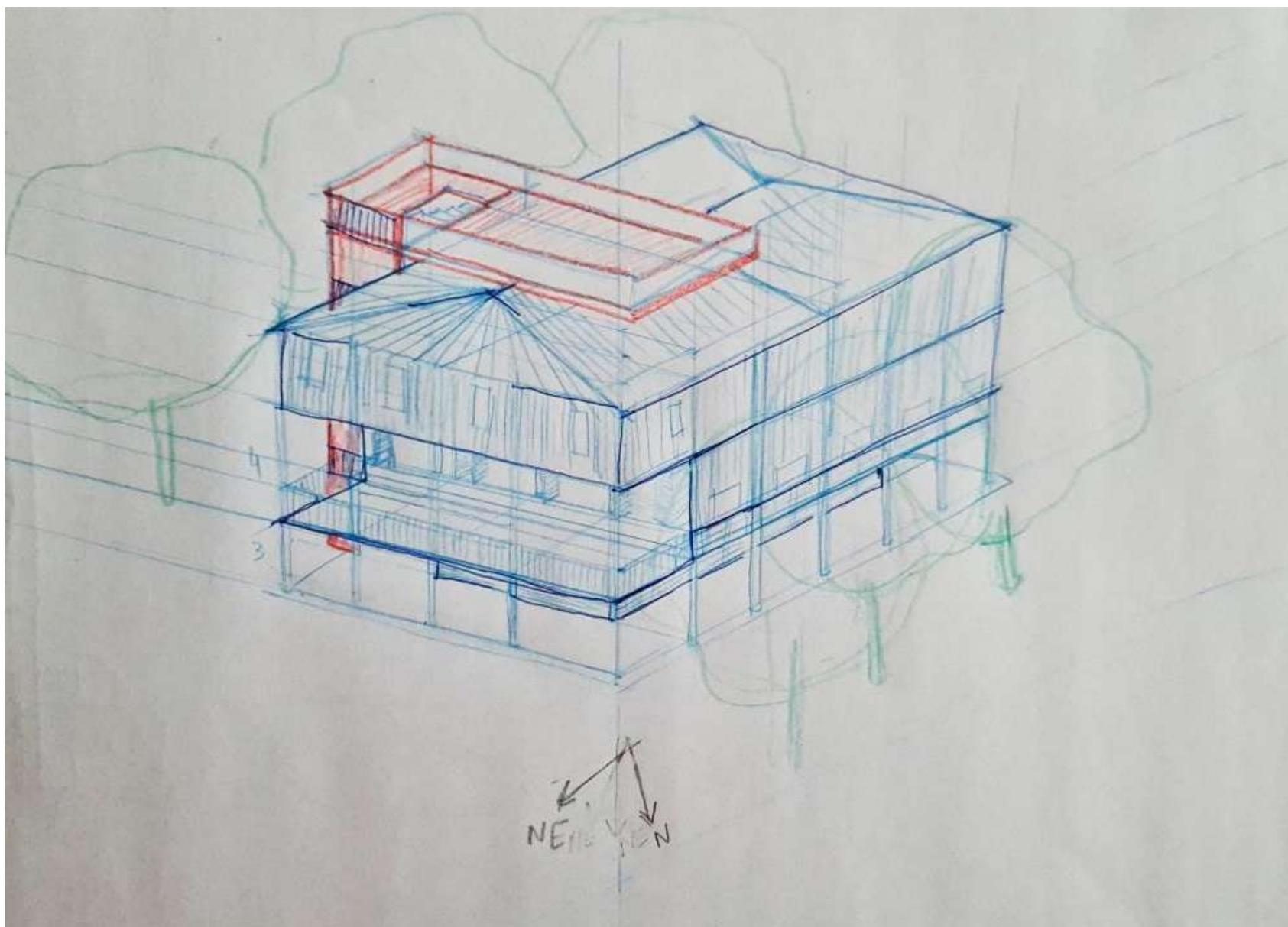


PROCESSO DE DESENHO

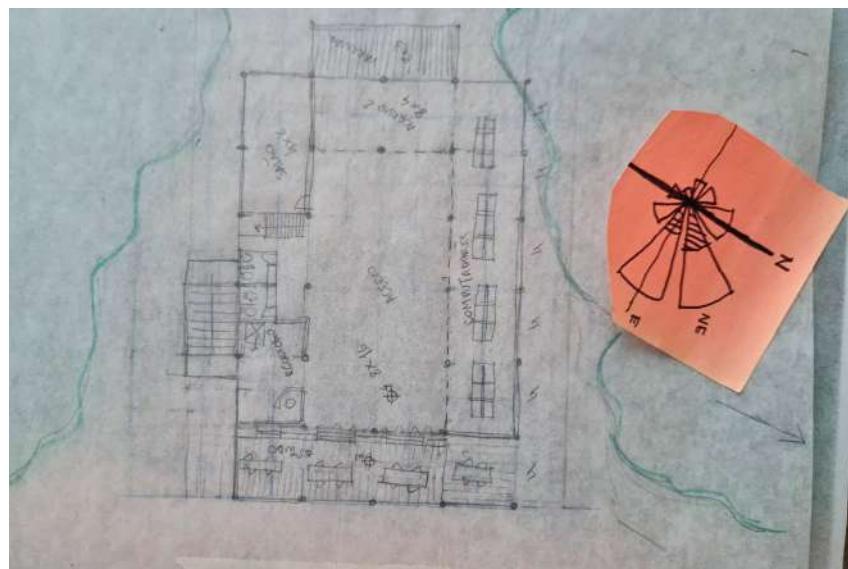


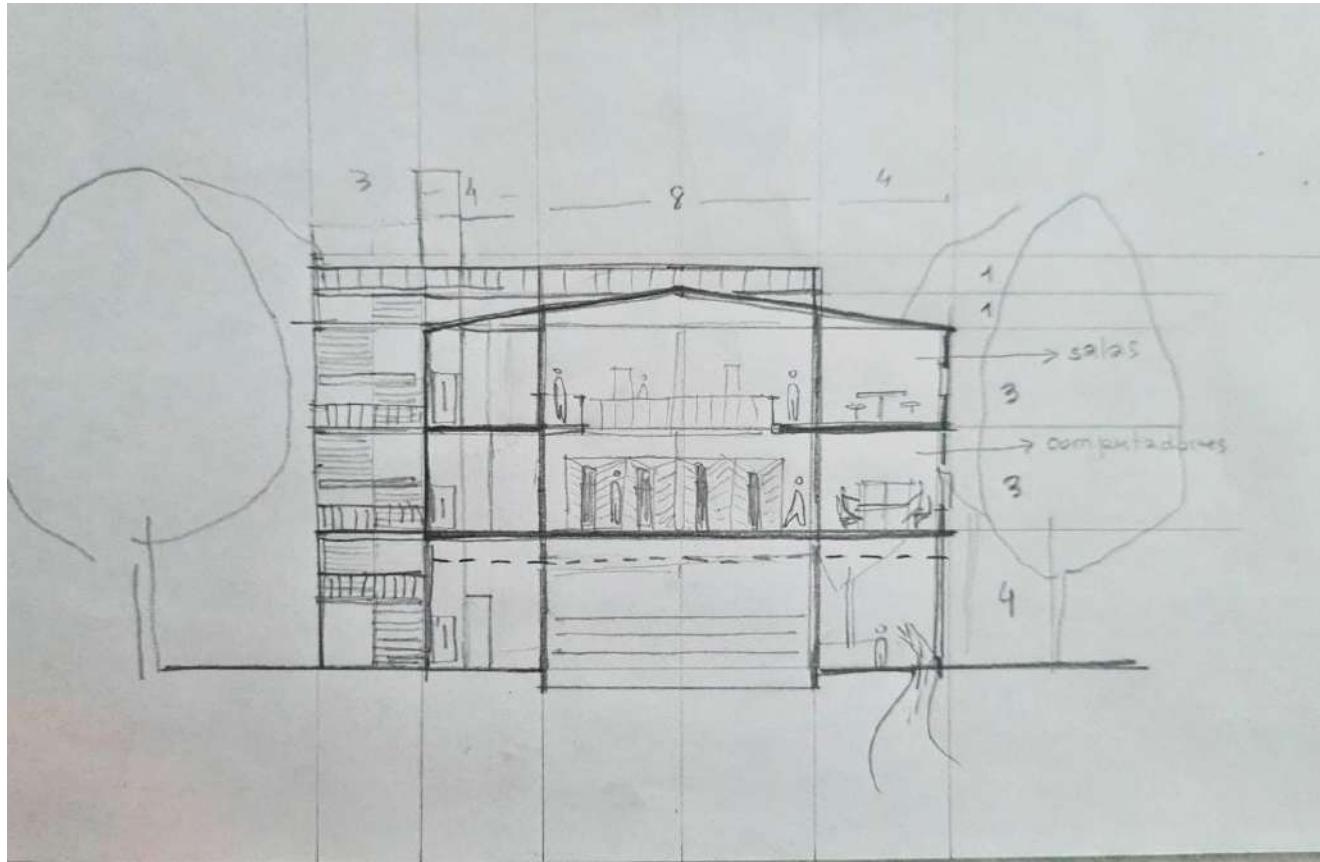
O primeiro desenho do projeto consistia em dois blocos unidos por um jardim interno. Ainda não existia a ideia de mirante, por isso o 2º andar visava atender apenas a questões programáticas da biblioteca. Havia também uma escada rodeando esse jardim inteiro. Essas duas ideias foram abandonadas, pois preferiu-se priorizar a apreciação do jardim natural (o Seringal) à criar experiências internas ao edifício.

36. Vistas do modelo 1
Scanner particular



Discutindo com o professor Suzuki, chegamos a um prédio único que englobasse todos os programas do parque. Dessa forma, o observatório que já era imaginado, foi agregado ao próprio edifício da biblioteca, o que resultou na verticalização do prédio. Como já havia uma vontade também de absorver a técnica local das construções simples em ripado, a forma resultou nestes desenhos. Uma construção avarandada, em madeira, lembrando as construções em pântanos de filmes antigos. Devido a este formato caricato, esse desenho acabou sendo descartado, mas alguns elementos permaneceram: térreo de pilotis com o auditório e caixa de escadas externas.





37 a 40. Perspectiva, planta do 1º pavimento e cortes do modelo 2
Scanner particular



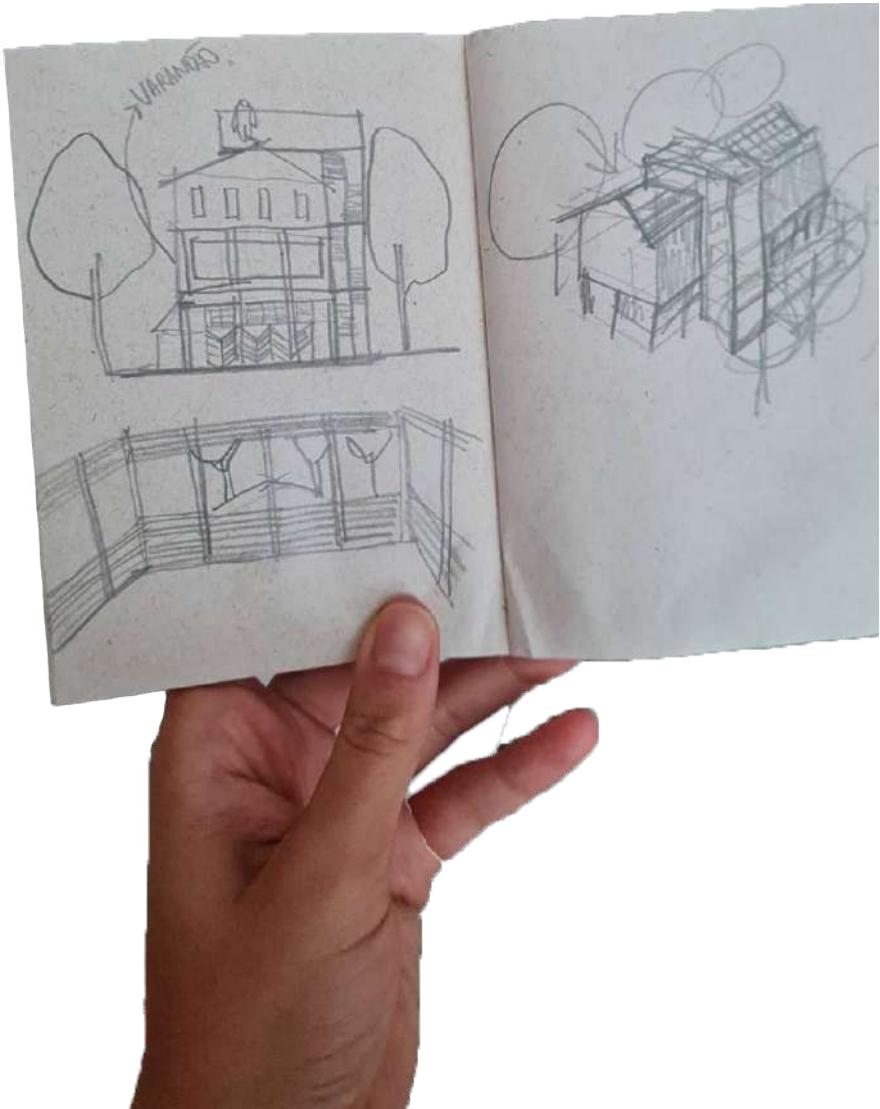
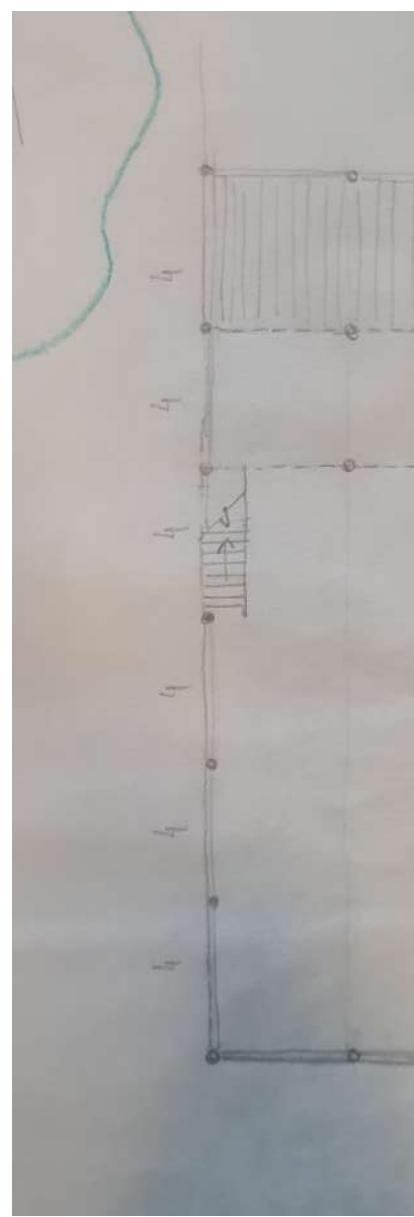
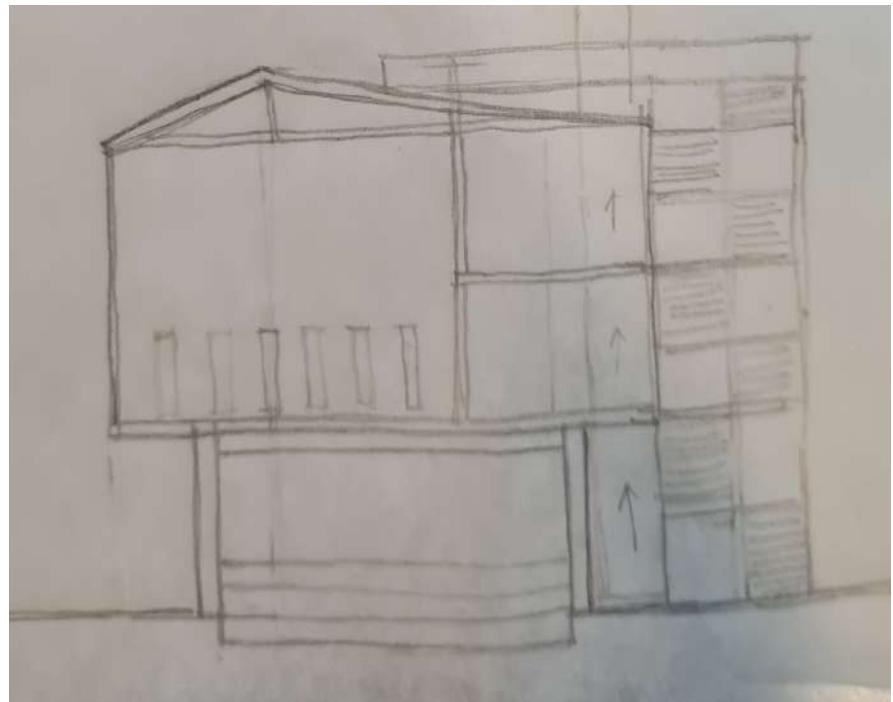
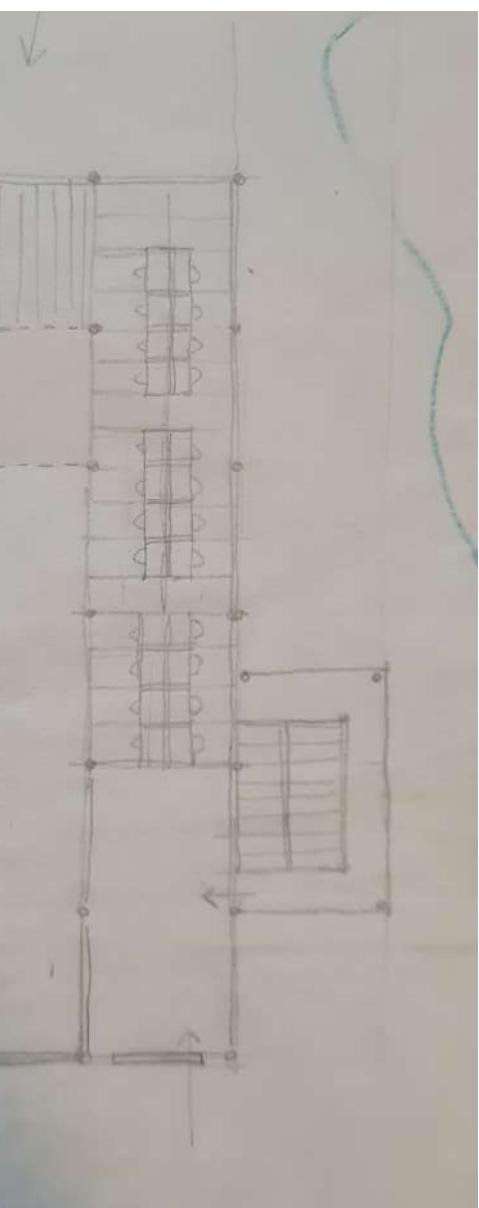


IMAGEM 41. Este foi o desenho precursor do modelo final, sem as varandas externas e com a escada alocada a direita, com face norte. A questão das varandas externas saem do desenho, priorizando ambientes internos com vista para o exterior. O fachada principal fica mais esbelta.



42 a 43. Corte e planta do modelo 3.

No modelo 3, o mirante é a extensão da caixa de escadas por cima do telhado 2 quedas.





44 a 45. Corte e planta do modelo digital.

Inserção da volumetria lateral em alvenaria, para criar o contraste entre madeira e alvenaria (as técnicas usadas localmente).

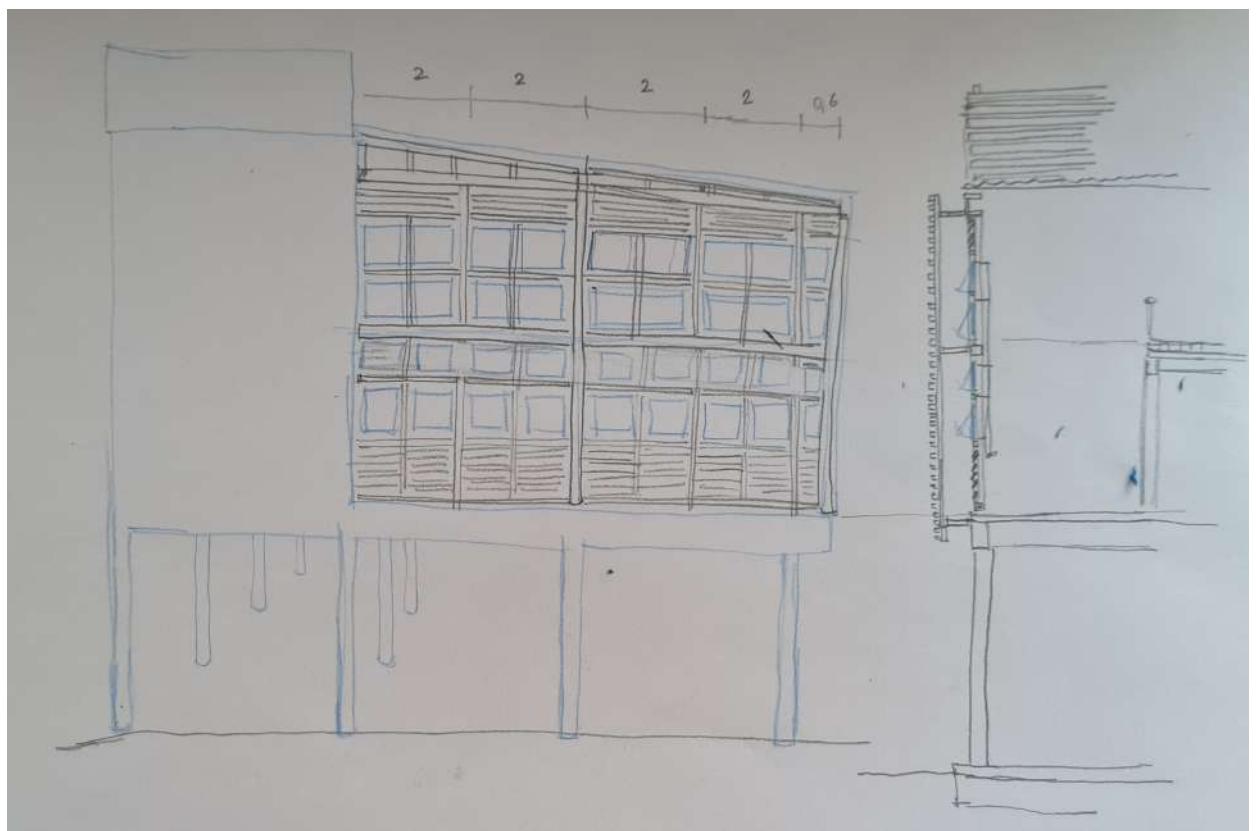
O volume em alvenaria marcaria também os serviços e utilitários do edifício (como banheiros e uso técnico dos funcionários).

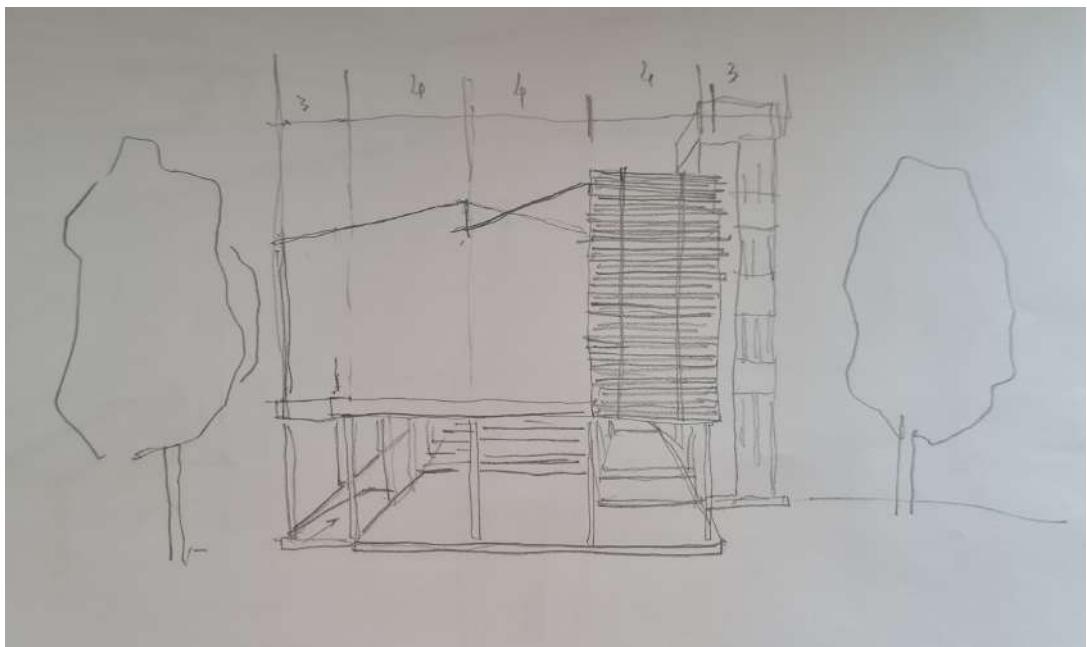
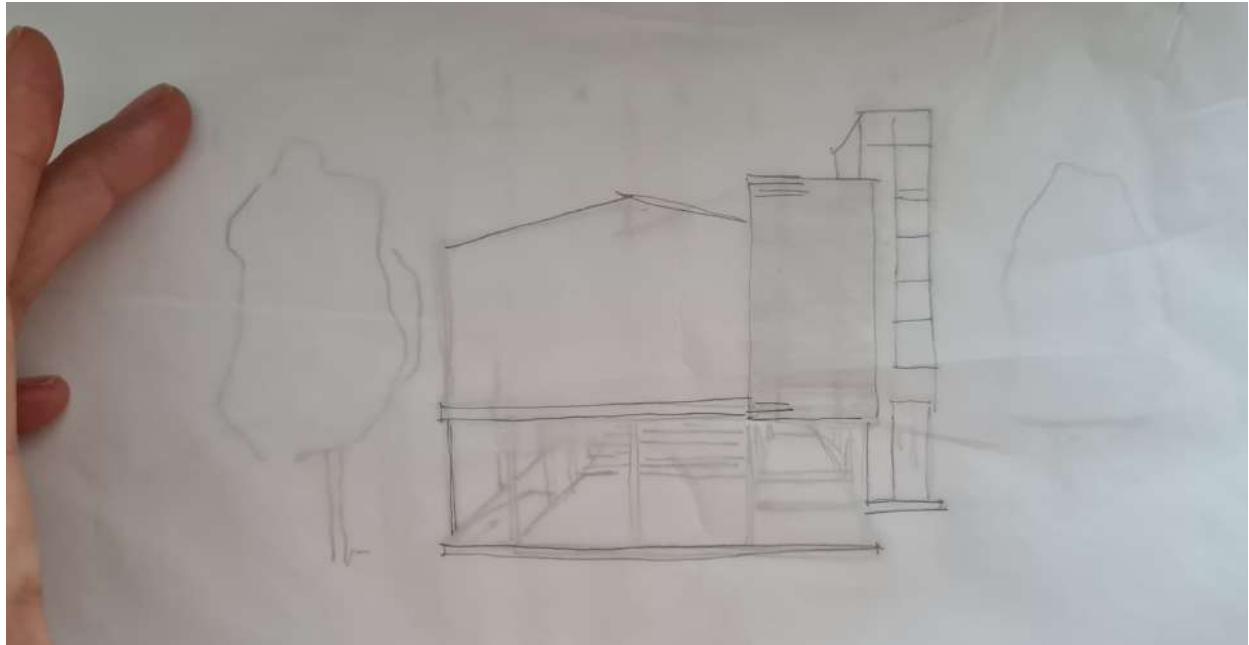
O mirante ganha toda a lateral de alvenaria, tornando este trecho num terraço para ser usado durante o dia.

A questão do elevador também começa a ganhar corpo, criando o eixo da circulação lateral. O térreo é trabalhado em níveis diferentes, rebaixando também o desnível do lugar.



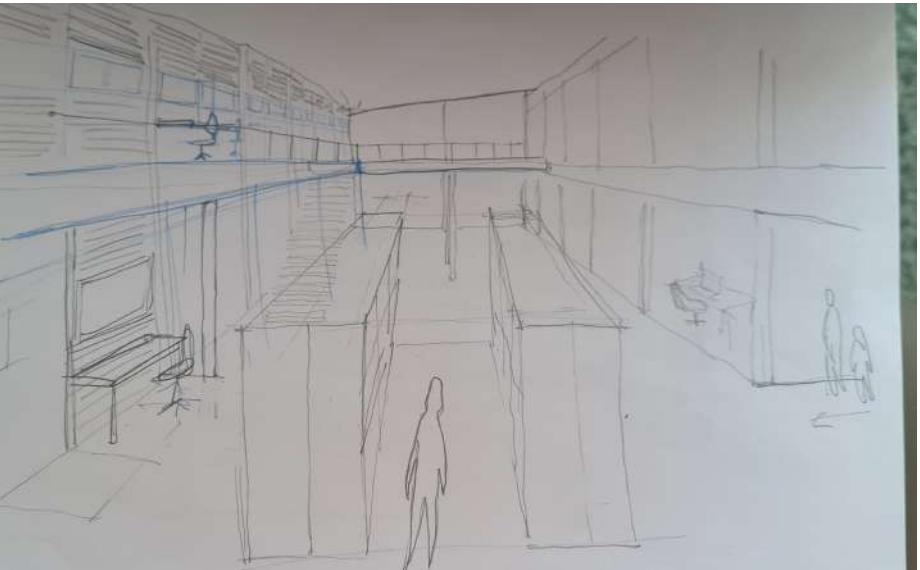
46. Estudo da fachada do fundo, e mecanismo do brise.





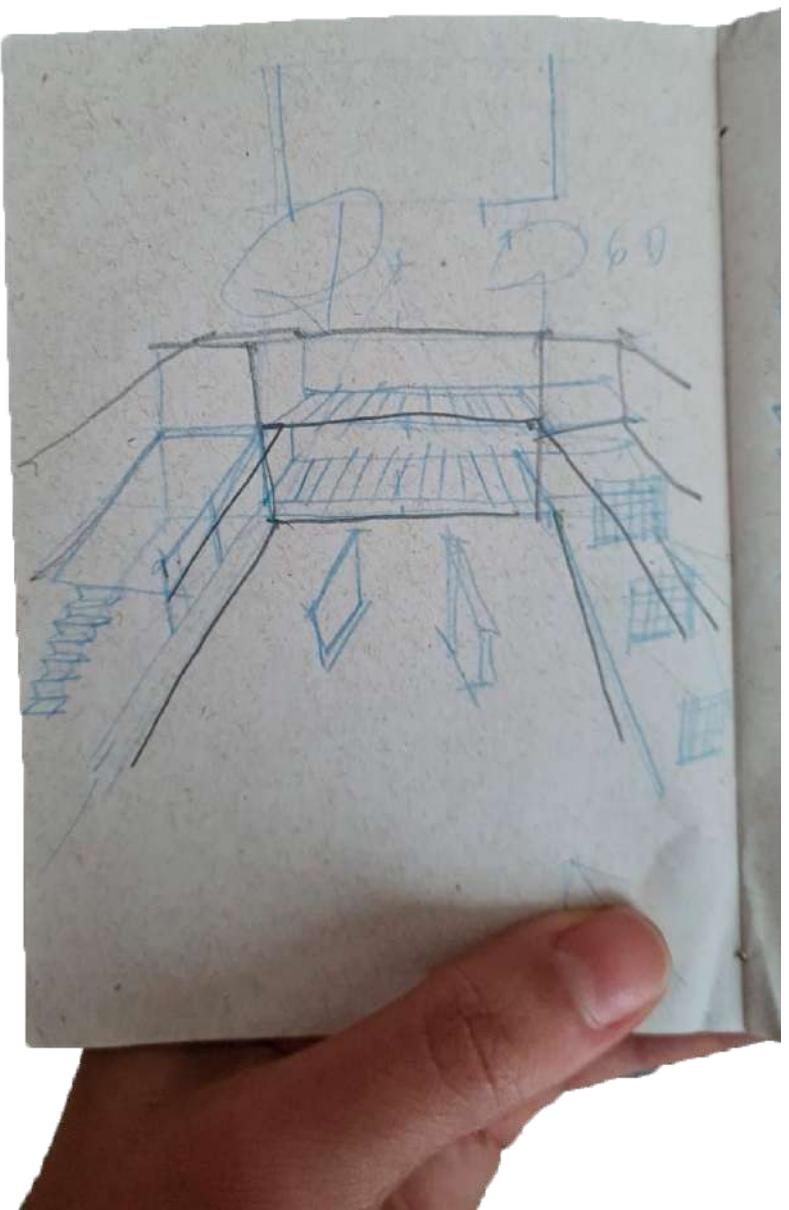
47 a 48. Modelo final, 4. Estudo de telhado e do brise frontal.

Avaliação do acréscimo de um bloco extra, com 3 metros de largura, conversando com a medida do eixo vertical. Nesse lugar possibilitaria uma entrada rampada para o auditório, no nível mais baixo, além de ser um corredor coberto para esta região.



49 e 50. Estudo do mezanino conectado ao bloco de alvenaria.

O bloco que surge agregando ao edifício também estaria ligado ao desenho de criar um mezanino de leitura no espaço do acerto, aproveitando o pé direito duplo junto aos livros e criando um percurso circulando a região.





51 e 52. Teste do recuo da lateral e posicionamento do elevador.

53 e 54. Ultimo teste de formato da escada até a elaboração do modelo final.

Escada típica, elaborada como andaime e escada colada ao edifício, como é feito no prédio ISA do Brasil Arquitetura e no Pompideu.



55. Criança moradora do entorno do Seringal brinca com pipa feito de sacola.
Acervo pessoal





REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. C. A. O processo de implantação do PMV na MRH de Paragominas: uma análise a partir de Dom Eliseu/PA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). São Luis: PPGCS/UFMA, 2014

BARDI, Lina Bo et al. Lina Bo Bardi. Charta, 1994.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re) construir. Estudos avançados, v. 16, n. 45, p. 107-121, 2002.

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia: A nova fronteira de recursos. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PONTES, Louise Barbalho; CARDOSO, Ana Cláudia Duarte. Open spaces: windows for ecological urbanism in the Eastern Amazon. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, v. 8, n. 1, p. 96-112, 2016.

CÂNDIDO, Lucas; CARDOSO, Ana Cláudia Duarte . O lugar dos espaços públicos na cidade modelada pela mineração. O caso de Canaã dos Carajás PA. Arquitextos, São Paulo, ano 18, n. 212.01, Vitruvius, jan. 2018 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.212/6862>>. acesso em 22/07/2020

CARDOSO, D., & Souza Jr., C. 2020. Sistema de Monitoramento da Exploração Madeireira (Simex): Estado do Pará 2017-2018 (p. 38). Belém: Imazon.

FANUCCI, Francisco P.; FERRAZ, Marcelo Carvalho. Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz: Brasil Arquitetura Studio. Editora Cosac Naify, 2005.

Fonseca, A., Justino, M., Siqueira, J., Ribeiro, J., & Souza Jr., C. 2014. Desmatamento e Degradação Florestal em Dom Eliseu – Pará (2000-2013) (p. 2). Belém: Centro de Geotecnologia do Imazon (CGI)

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Vários Anos.

LYNCH, Kevin. A boa forma da cidade. Lisboa, Edições 70, 2015, p. 141.

NETO, Thiago Oliveira. A geopolítica rodoviária na Amazônia: BR-210 ou Grande Perimetral Norte. Revista de Geopolítica, v. 6, n. 1, p. 123-142, 2016.

PONTES, Louise Barbalho; CARDOSO, Ana Cláudia Duarte. Open spaces: windows for ecological urbanism in the Eastern Amazon. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, v. 8, n. 1, p. 96-112, 2016.

SANTOS, Valdeci Monteiro dos. A economia do Sudeste paraense: evidências das transformações estruturais. 2017.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Espacialidade, cotidiano e poder. Geosul, v. 7, n. 14, p. 60-65, 1992.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios. Acta Geográfica, v. 2, n. 3, p. 59-83, 2010.

VALVERDE, Orlando; DIAS, Catharina Vergolino. A rodovia Belém–Brasília: estudo de geografia regional. Instituto Brasileiro de Geografia, 1967.

GLOBO G1 <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2018/12/01/entenda-o-que-o-paraense-paga-na-conta-de-energia.ghtml>> acesso em 22/09/2020

As fotografias de acervo próprio são da autora, fotografadas no município de Dom Eliseu.

